

A blurred background photograph of a young woman with long blonde hair, smiling and looking down at a laptop she is using. She is wearing a light-colored ribbed sweater. The laptop is open and positioned in front of her. The background is a warm, out-of-focus indoor setting.

METAFÍSICA

DADOS INSTITUCIONAIS

CNPJ:	17.145.404/0001-76
Razão Social:	CENTRO EDUCACIONAL MALTA LTDA
Nome de Fantasia:	FACULDADE MALTA
Esfera Administrativa:	PRIVADA
Endereço:	Av. Barão de Gurguéia, nº 3333 B, Bairro Vermelha
Cidade/UF/CEP:	TERESINA-PI, CEP: 64018-500.
Telefone:	(86) 3303-5002
E-mail de contato:	contato@faculdademalta.edu.br
Site da unidade:	faculdademalta.edu.br

Sumário

SOBRE O AUTOR.....	1
APRESENTAÇÃO.....	2
UNIDADE 1 - A ORIGEM DA FILOSOFIA: DO MITO AO LOGOS.....	3
Objetivos.....	3
1.1 – Entendendo a Filosofia.....	3
Definição de Filosofia.....	3
Você sabia?.....	4
O Surgimento da Reflexão Racional.....	5
1.2 – Do Mito ao Logos.....	6
O Pensamento Mítico: Características, Funções e Significados.....	6
Você sabia?.....	7
A Transição do Mito ao Logos.....	8
O Nascimento da Razão na Grécia Antiga.....	9
1.3 – Condições Históricas, Sociais, Econômicas e Culturais da Filosofia Grega..	11
A Organização das Cidades-Estado (Pólis).....	11
Você sabia?.....	11
As Transformações Econômicas e o Comércio.....	12
A Invenção da Escrita Alfabética.....	13
1.4 – A Filosofia como Superação do Pensamento Mítico.....	14
Características do Pensamento Filosófico.....	14
Você sabia?.....	14
1.5 – O Surgimento da Filosofia e sua Importância na Formação do Pensamento Ocidental.....	15
1.6 – A Filosofia como Fundamento da Cultura Ocidental.....	17
CONCLUSÃO.....	18
HORA DE REVISAR.....	20
SUGESTÕES DE LEITURA.....	21

REFERÊNCIAS.....	23
UNIDADE 2 - O PERÍODO PRÉ-SOCRÁTICO: HERÁCLITO, PARMÊNIDES E OUTROS PENSADORES.....	24
2.1 – Quem Foram os Pré-Socráticos.....	24
Você sabia?.....	25
2.2 – Principais Escolas e Pensadores.....	26
Escola Jônica: Tales, Anaximandro e Anaxímenes.....	26
Escola Pitagórica: O Número como Essência de Todas as Coisas.....	28
Escola de Éfeso: Heráclito e o Devir.....	28
Escola Eleática: Parmênides, Xenófanes e Zenão.....	29
Você sabia?.....	30
2.3 – Heráclito vs. Parmênides: O Ser e o Devir.....	30
2.4 – Outras Contribuições.....	33
Você sabia?.....	33
CONCLUSÃO.....	35
Você sabia?.....	36
REFERÊNCIAS.....	37
UNIDADE 3 – SÓCRATES, SOFISTAS, PLATÃO E ARISTÓTELES: A CONSOLIDAÇÃO DA FILOSOFIA.....	38
3.1 – Os Sofistas e o Relativismo.....	38
Quem foram os Sofistas.....	38
O Ensino da Retórica e o Questionamento dos Valores.....	38
Você sabia?.....	39
Críticas e Legado dos Sofistas.....	40
3.1.1 – A Filosofia Relativista de Protágoras.....	40
3.1.2 – Críticas Socráticas e Platônicas aos Sofistas.....	42
Você sabia?.....	44
3.2 – Sócrates e o Nascimento da Ética Filosófica O Método Socrático (Maiêutica e Ironia).....	44

Você sabia?.....	46
3.2.1 – A Maiêutica Socrática: A Arte de Partilhar o Conhecimento.....	47
Você sabia?.....	48
3.3 – Platão e a Teoria das Ideias.....	49
O mundo sensível e o mundo das ideias.....	49
A metafísica platônica: o ser e o real.....	49
A alegoria da caverna.....	50
A alma e a reminiscência.....	50
3.3.1 – A Dualidade Ontológica e o Conhecimento na Teoria das Ideias de Platão.....	50
Você sabia?.....	52
3.4 – Aristóteles e a Ciência do Ser.....	52
3.4.1 – Substância, Potência e Ato: Fundamentos da Metafísica Aristotélica...54	54
Você sabia?.....	55
3.5 – Epicuro e a Filosofia do Prazer Moderado.....	55
3.5.1 – O Conceito de Prazer e a Busca da Ataraxia.....	56
CONCLUSÃO.....	57

SOBRE O AUTOR

Marcos Henrique da Silva Raimundo

FORMAÇÃO ACADÊMICA

Iniciei minha formação acadêmica com o Bacharelado em Teologia pela FACETEN, com ênfase nos fundamentos bíblicos, históricos e doutrinários da fé cristã. Em seguida, conclui a pós-graduação em Ciência da Religião pela FACIBA, ampliando a compreensão teórica sobre os diversos sistemas religiosos e suas dimensões filosóficas. Finalizei o Mestrado Acadêmico em Teologia pela Universidad Martin Lutero, aprofundando os estudos em temáticas teológicas em nível avançado, com base em abordagens metodológicas e críticas.

APRESENTAÇÃO

Caro/a estudante,

Este material didático se destina aos alunos do curso de Pedagogia da Faculdade Malta-FACMA. Torna-se de fundamental importância para o profissional da Pedagogia conhecer (conceitos e conhecimentos que irão adquirir nessa disciplina). Neste local você deve escrever um breve resumo da temática da disciplina, não necessita ser extenso, apenas para dar introdução aos discentes sobre o que trabalharão nesse componente curricular.

Na Unidade 1 “A Origem da Filosofia: Do Mito ao Logos”, resumo sobre esse tópico;

Na Unidade 2 “O Período Pré-Socrático: Heráclito, Parmênides e Outros Pensadores”, resumo sobre esse tópico;

Na Unidade 3 “Sócrates, Sofistas, Platão e Aristóteles: A Consolidação da Filosofia”, resumo sobre esse tópico;

Elencamos como necessário nesse processo, a importância da leitura deste material, bem como as leituras de apoio, além do aproveitamento das oportunidades de discussão com os colegas e o tutor/professor(a). Não pretendemos esgotar a discussão sobre tal temática com esta apostila, mas, buscamos incentivar à reflexão e à pesquisa para a construção de novos saberes sobre a temática. Boa aprendizagem!

Prof. Me. Marcos Henrique da Silva Raimundo

UNIDADE 1 - A ORIGEM DA FILOSOFIA: DO MITO AO LOGOS

Objetivos

- Compreender o contexto histórico e cultural que possibilitou o surgimento da filosofia na Grécia Antiga;
- Identificar as principais características do pensamento mítico e compará-las com os fundamentos do pensamento filosófico;
- Reconhecer a importância da superação do mito pelo logos como marco inicial da filosofia ocidental.

1.1 – Entendendo a Filosofia

Definição de Filosofia

A filosofia não surgiu apenas como um saber teórico, mas como uma prática contínua de questionamento e reflexão. Ela representa o esforço humano de compreender o mundo, a si mesmo e as relações que estabelecemos com os outros e com a realidade. Filosofar é, antes de tudo, duvidar, indagar e buscar respostas que estejam além das aparências.

Mais do que um conjunto de conhecimentos prontos, a filosofia é uma atitude. Ela exige do indivíduo a capacidade de se desapegar de certezas absolutas, questionar verdades estabelecidas e investigar as bases de seus próprios pensamentos. Nesse sentido, ela rompe com o senso comum, que muitas vezes aceita ideias e valores sem análise crítica.

Enquanto os saberes técnicos estão focados em solucionar problemas específicos e os saberes religiosos estão alicerçados na fé e na tradição, a filosofia se estrutura sobre a dúvida metódica. Ela não se satisfaz com respostas prontas, mas procura entender os fundamentos, os porquês e os sentidos das coisas.

O filósofo, portanto, é aquele que não aceita o mundo de maneira passiva. Seu papel é permanente: desconstruir certezas, problematizar conceitos e construir significados. Esse processo não se dá por meio de respostas definitivas, mas por meio de perguntas cada vez mais profundas e sofisticadas.

Além de investigar o mundo externo, a filosofia volta seu olhar para o próprio ato de pensar. Ela questiona não apenas a realidade objetiva, mas também os próprios instrumentos que utilizamos para conhecê-la: a linguagem, os sentidos, a razão e até os limites do conhecimento humano.

Com isso, a filosofia torna-se também um exercício de autoconhecimento. Refletir filosoficamente é olhar para dentro, compreender as motivações que orientam nossos pensamentos, valores e escolhas, e, ao mesmo tempo, olhar para fora, buscando entender o mundo em sua complexidade.

A diversidade das áreas da filosofia reflete sua amplitude. A ética questiona o que é o bem e como devemos agir; a estética reflete sobre o belo e a arte; a lógica investiga as regras do raciocínio correto; a epistemologia estuda os fundamentos do conhecimento; e a metafísica busca compreender a essência da realidade, do ser e da existência.

Cada uma dessas áreas não é um campo isolado, mas dialoga constantemente entre si e com outros saberes. Assim, questões éticas podem ter implicações metafísicas, e discussões epistemológicas podem afetar a maneira como entendemos a estética ou a política.

A importância da filosofia não se limita às salas de aula ou aos livros acadêmicos. Ela se manifesta em nossas escolhas diárias, na maneira como enfrentamos dilemas morais, nas decisões políticas que tomamos ou apoiamos e na forma como compreendemos o sentido da vida.

Num mundo cada vez mais complexo, marcado por informações rápidas, fake news e polarizações, o exercício filosófico se torna ainda mais urgente. Ele nos convida a pensar de forma rigorosa, a analisar argumentos, a distinguir fatos de opiniões e a buscar sempre uma compreensão mais profunda e justa da realidade.

Você sabia?

A filosofia não é feita de “caixinhas separadas”! Ética, metafísica, estética, política e epistemologia estão sempre conversando entre si – e com outras áreas do saber também. Isso significa que uma dúvida moral pode envolver questões sobre a existência, e até nossa forma de entender a beleza ou a verdade pode mudar a maneira como pensamos o mundo.

A filosofia, portanto, não é um luxo intelectual, mas uma necessidade humana. Ela amplia nossa visão de mundo, desenvolve nossa capacidade crítica e fortalece a autonomia do pensamento. Quem filosofa aprende não apenas a questionar, mas também a conviver com a incerteza, com a pluralidade de ideias e com a complexidade do real.

Por fim, entender o que é filosofia é perceber que ela não oferece respostas prontas, mas caminhos de reflexão. É uma aventura do pensamento, uma jornada sem fim, onde cada pergunta leva a novas possibilidades de compreensão e onde o verdadeiro sentido está no próprio ato de buscar.

O Surgimento da Reflexão Racional

O surgimento da reflexão racional na Grécia Antiga foi um divisor de águas na história da humanidade. Pela primeira vez, os seres humanos começaram a buscar explicações que não dependiam mais exclusivamente de forças sobrenaturais ou de narrativas míticas.

Esse processo representou uma ruptura com a visão mítica do mundo, na qual todos os fenômenos naturais e sociais eram explicados a partir da vontade dos deuses ou de seres sobrenaturais. A filosofia nasce, portanto, do espanto e da curiosidade diante da realidade, buscando respostas que sejam fruto da observação, da lógica e da razão.

Os primeiros filósofos, conhecidos como pré-socráticos, estavam especialmente preocupados em compreender a *physis*, isto é, a natureza. Eles procuravam identificar os princípios ou elementos fundamentais que dariam origem a tudo que existe. Por exemplo, Tales de Mileto acreditava que a água era o princípio de todas as coisas.

Esse movimento intelectual foi profundamente favorecido pelas transformações econômicas e sociais da época. O desenvolvimento do comércio, o surgimento das cidades-Estado (*pólis*) e o contato com diferentes culturas contribuíram para um ambiente propício ao questionamento e à troca de ideias.

Vale destacar que a filosofia não eliminou o mito, mas passou a se diferenciar claramente dele. Enquanto o mito explica a realidade por meio de narrativas

simbólicas, com personagens sobrenaturais e intervenções divinas, a filosofia procura compreender os fenômenos por meio de argumentos racionais e sistemáticos.

A reflexão racional introduziu a ideia de que o mundo possui uma ordem própria, que pode ser conhecida e explicada sem recorrer ao sobrenatural. Essa nova forma de pensar foi a base não apenas da filosofia, mas também da ciência, da matemática, da política e do direito.

A partir desse momento, a busca pelo conhecimento se tornou uma atividade crítica, sistemática e aberta ao debate. As ideias passaram a ser defendidas não pela autoridade da tradição, mas pela força dos argumentos e pela coerência lógica.

Esse salto civilizacional, ocorrido na Grécia do século VI a.C., não foi apenas uma transformação no modo de pensar, mas também no modo de viver.

Passou-se a valorizar a razão, o diálogo, a investigação e a construção coletiva do saber.

A reflexão racional também trouxe à tona um novo tipo de questionamento: além de investigar os fenômenos da natureza, os pensadores passaram a perguntar sobre o próprio ato de conhecer. Como sabemos? O que é conhecer? Quais são os limites do conhecimento? Essas questões dariam origem à epistemologia, ramo central da filosofia.

Com a ascensão de Sócrates, o foco do pensamento filosófico se deslocou da natureza para o ser humano, seus valores e sua conduta. Isso representou não uma negação dos pré-socráticos, mas uma ampliação do campo filosófico, incluindo agora a ética, a política e o autoconhecimento como temas centrais.

O surgimento da reflexão racional, portanto, não foi apenas um evento histórico localizado, mas a inauguração de uma nova postura diante do mundo. Uma atitude de permanente questionamento, de abertura ao diálogo e de disposição para buscar a verdade, por mais desafiadora que ela seja.

1.2 – Do Mito ao Logos

O Pensamento Mítico: Características, Funções e Significados

O pensamento mítico é uma das formas mais antigas de interpretação da realidade. Por meio de narrativas simbólicas, os povos antigos buscavam responder

às grandes perguntas da vida, como a origem do mundo, dos seres humanos e dos fenômenos naturais.

Nos mitos, os deuses possuem características humanas, com sentimentos, desejos e paixões. Essa personificação dos elementos naturais ajudava os povos a compreender e controlar, simbolicamente, as forças da natureza e da vida social.

Além disso, os mitos cumpriam uma função educativa. Eles transmitiam valores, normas e ensinamentos que orientavam a conduta dos indivíduos dentro da coletividade. Dessa forma, o mito não era apenas uma explicação, mas também uma ferramenta de organização social.

Você sabia?

Muito antes da ciência e da filosofia, os povos antigos já tentavam entender o mundo ao seu redor e faziam isso por meio dos **mitos**. Nessas narrativas simbólicas, os deuses tinham sentimentos e comportamentos humanos, ajudando as pessoas a dar sentido a fenômenos da natureza e aos desafios da vida em sociedade.

Outro aspecto importante do mito é seu caráter sagrado. As narrativas míticas eram consideradas verdadeiras por estarem fundamentadas na tradição e na revelação dos ancestrais. Questionar um mito era, muitas vezes, considerado um ato de desrespeito à ordem estabelecida.

Os mitos também serviam como forma de dar sentido ao sofrimento, à morte e aos mistérios da existência. Eles ofereciam respostas que, embora não fossem racionais, eram emocionalmente satisfatórias para os povos antigos.

O pensamento mítico está profundamente enraizado na oralidade. A transmissão dos mitos dependia da repetição e da memorização, sendo passado de geração em geração por meio de rituais, festas e celebrações.

Além de explicar a natureza, os mitos também davam sentido à organização social, legitimando hierarquias, papéis de liderança, regras de convivência e até práticas econômicas e políticas.

Em muitas culturas, o mito não fazia distinção entre o sagrado e o profano, entre o natural e o sobrenatural. Tudo estava interligado, e o mundo era percebido como uma totalidade viva e cheia de significados ocultos.

O pensamento mítico também possui uma lógica própria, que não se baseia na racionalidade argumentativa, mas na analogia, na associação simbólica e na repetição de padrões.

Os heróis, os deuses e os monstros que habitam os mitos representam forças psíquicas, dilemas humanos e fenômenos naturais. Eles são arquétipos que continuam presentes no imaginário coletivo, inclusive nas sociedades modernas.

Muitos estudiosos, como Mircea Eliade e Joseph Campbell, demonstraram que os mitos não são meras fantasias primitivas, mas expressões profundas da psique humana e da busca por sentido.

Portanto, estudar o pensamento mítico é compreender não apenas o passado da humanidade, mas também os mecanismos simbólicos que ainda moldam nossa percepção, nossa cultura e nossos comportamentos contemporâneos.

A Transição do Mito ao Logos

A transição do mito ao logos foi um processo gradual e complexo, no qual o ser humano começou a buscar explicações racionais para os fenômenos, sem recorrer exclusivamente ao sobrenatural.

Essa mudança não foi uma rejeição total dos mitos, mas uma transformação na maneira de compreender o mundo. O logos surge como uma nova atitude diante da realidade, baseada na observação, na argumentação e na coerência lógica.

Os primeiros pensadores, chamados de filósofos pré-socráticos, começaram a perceber que a natureza possuía uma ordem própria, independente da vontade dos deuses. Essa ordem podia ser descoberta por meio da razão.

A busca pela arché — o princípio fundamental de todas as coisas — marcou essa transição. Filósofos como Tales, Anaximandro e Anaxímenes buscavam entender qual elemento primordial dava origem ao universo.

Essa mudança foi profundamente favorecida pelo ambiente político das polis gregas, onde o debate, o diálogo e a argumentação eram valorizados como práticas essenciais da vida pública.

O desenvolvimento da matemática, da geometria e da astronomia também contribuiu para essa nova forma de pensar, pois demonstrava que era possível compreender o mundo por meio de leis e princípios universais.

O logos trouxe consigo o surgimento de conceitos fundamentais, como causa, efeito, essência e mudança, que se tornaram pilares não apenas da filosofia, mas de todas as ciências modernas.

Entretanto, é importante reconhecer que, durante essa transição, os filósofos ainda utilizavam metáforas e até mitos para ilustrar seus pensamentos. O próprio Platão recorreu a mitos em suas obras, embora os usasse de forma pedagógica, para conduzir seus alunos ao entendimento filosófico.

O logos também representou uma mudança na relação com o tempo e com a história. Enquanto o mito lidava com um tempo cíclico e eterno, a filosofia começa a trabalhar com a ideia de progresso do conhecimento e de desenvolvimento racional.

Essa passagem do mito ao logos foi, portanto, uma das mais significativas revoluções culturais da humanidade, pois permitiu a construção de saberes que não dependiam mais apenas da tradição, mas da investigação e da crítica.

Apesar disso, elementos do pensamento mítico nunca desapareceram completamente. Eles continuam presentes em crenças populares, na literatura, nas religiões e na arte, convivendo com o pensamento racional até os dias atuais.

Portanto, a transição do mito ao logos não deve ser vista como uma substituição total, mas como a emergência de uma nova maneira de pensar, que se soma e dialoga, muitas vezes, com as formas anteriores de entendimento da realidade.

O Nascimento da Razão na Grécia Antiga

O nascimento da razão na Grécia Antiga não foi fruto do acaso. Ele resultou de um conjunto de condições históricas, sociais, econômicas e culturais que favoreceram o surgimento do pensamento filosófico.

O ambiente democrático de algumas cidades, como Atenas, estimulava o debate público. Os cidadãos eram incentivados a discutir leis, políticas e decisões comunitárias, o que exigia habilidades de argumentação e pensamento lógico.

A ágora, praça pública onde se reuniam os cidadãos, tornou-se um verdadeiro laboratório de ideias, onde o diálogo, a retórica e o raciocínio eram exercitados diariamente.

O intenso contato com outras culturas por meio do comércio e das expedições marítimas proporcionou aos gregos uma visão mais ampla do mundo,

levando-os a comparar costumes, crenças e conhecimentos, o que estimulava o questionamento e a reflexão.

A ausência de uma religião centralizada e dogmática, diferente de outras civilizações da época, permitiu uma maior liberdade de pensamento. As crenças religiosas na Grécia eram plurais, abertas e muitas vezes contraditórias, favorecendo a emergência da dúvida.

O surgimento das primeiras escolas filosóficas, como a de Mileto, foi essencial para consolidar a prática da investigação racional. Nessas escolas, buscava-se compreender a natureza e o cosmos por meio de observação, raciocínio e debate.

A invenção da escrita alfabetica, que foi aperfeiçoada pelos gregos, teve um papel crucial na organização do pensamento. Ela possibilitou o registro sistemático das ideias e das discussões, preservando o conhecimento e permitindo seu desenvolvimento.

Além disso, o desenvolvimento da geometria e da matemática, herdado em parte dos egípcios, forneceu modelos de raciocínio dedutivo que influenciaram diretamente o pensamento filosófico.

O surgimento da sofística, com mestres que ensinavam retórica e argumentação, também contribuiu para o desenvolvimento da lógica, embora, muitas vezes, os sofistas fossem criticados por utilizarem argumentos mais persuasivos do que necessariamente verdadeiros.

Sócrates, Platão e Aristóteles consolidaram definitivamente essa transição, elevando o logos a um patamar central na busca pelo conhecimento e pela verdade, com métodos de investigação que são, até hoje, pilares do pensamento científico e filosófico.

O nascimento da razão na Grécia representou, portanto, um divisor de águas na história da humanidade. Pela primeira vez, o ser humano se colocou como sujeito

capaz de compreender, questionar e transformar a realidade a partir da força do próprio pensamento.

Em síntese, o legado desse período ultrapassa os limites da filosofia e influencia profundamente a cultura, a ciência, a política, a ética e a visão de mundo da civilização ocidental até os dias atuais.

1.3 – Condições Históricas, Sociais, Econômicas e Culturais da Filosofia Grega

A Organização das Cidades-Estado (Pólis)

O surgimento das cidades-estado, conhecidas como pólis, foi fundamental para o desenvolvimento da filosofia na Grécia Antiga. Diferente das grandes civilizações centralizadas, como Egito e Mesopotâmia, a pólis grega era uma comunidade política autônoma, onde os cidadãos participavam ativamente das decisões públicas.

Na pólis, a liberdade de expressão e o debate de ideias se tornaram práticas comuns, principalmente nas assembleias e na ágora, o espaço público onde os cidadãos se reuniam para discutir assuntos políticos, econômicos e sociais.

Esse ambiente favorecia o exercício do pensamento crítico e argumentativo.

Além disso, o fato de os gregos viverem em cidades relativamente pequenas fortalecia a proximidade entre os cidadãos e a importância do diálogo como instrumento de convivência. Isso incentivou a busca por explicações mais racionais sobre a vida, a natureza e a sociedade.

Você sabia?

O nascimento da filosofia está diretamente ligado ao surgimento das **cidades-estado gregas**, chamadas **pólis**. Nessas comunidades autônomas, o debate público era parte da vida cotidiana: os cidadãos se reuniam na **ágora** para discutir política, economia e questões sociais.

A autonomia das pólis também estimulou o desenvolvimento de diferentes formas de governo, como a democracia em Atenas e a oligarquia em Esparta, o que gerava discussões constantes sobre temas como justiça, poder, leis e direitos.

O ambiente político dinâmico exigia dos cidadãos habilidades argumentativas e reflexivas, fundamentais tanto para a participação política quanto para o desenvolvimento da filosofia. A necessidade de convencer, debater e dialogar foi um motor poderoso para o surgimento do logos.

Portanto, a organização das pólis foi uma condição essencial para o nascimento da filosofia, pois transformou o cidadão em um ser pensante, questionador e participativo, capaz de refletir criticamente sobre o mundo e sobre si mesmo.

As Transformações Econômicas e o Comércio

O desenvolvimento do comércio foi outro fator decisivo para o surgimento da filosofia. As cidades gregas, localizadas em pontos estratégicos do mar Mediterrâneo, mantinham intenso intercâmbio comercial com diversos povos, como egípcios, fenícios e persas.

Esse contato com outras culturas trouxe novas ideias, técnicas, mitologias e conhecimentos que colocaram em xeque as certezas tradicionais dos gregos. A diversidade cultural exigia uma maior capacidade de reflexão, comparação e interpretação do mundo.

O comércio também levou à ascensão de uma nova classe social: os comerciantes e artesãos, que passaram a ter maior influência na vida social e política. Esse processo gerou tensões com a aristocracia e promoveu discussões sobre justiça, igualdade e direito, temas que seriam centrais na filosofia.

A circulação de mercadorias foi acompanhada pela circulação de saberes. Os gregos tiveram acesso a conhecimentos de matemática, astronomia e medicina de outras civilizações, que foram ressignificados e integrados em suas próprias reflexões.

A mobilidade proporcionada pelo comércio também favoreceu a fundação de colônias, o que levou muitos gregos a viverem fora de suas cidades de origem. Essa experiência reforçou a necessidade de pensar a identidade, a cultura e os valores de forma mais ampla e crítica.

Além disso, o desenvolvimento de moedas e sistemas de contabilidade exigiu formas mais abstratas de pensamento, contribuindo para a formação de uma mentalidade lógica e racional.

Em síntese, as transformações econômicas ampliaram o horizonte dos gregos, gerando uma abertura cultural e intelectual que foi decisiva para a emergência do pensamento filosófico.

A Invenção da Escrita Alfabética

A invenção e difusão da escrita alfabética foram marcos fundamentais na história da Grécia Antiga. Ao contrário dos sistemas de escrita anteriores, como os hieróglifos egípcios ou a escrita cuneiforme, o alfabeto grego era mais simples, eficiente e acessível.

A escrita permitiu registrar não apenas acordos comerciais e leis, mas também reflexões, debates e saberes. Esse fato tornou possível a transmissão precisa do conhecimento, garantindo que as ideias não se perdessem com o tempo.

Com a escrita, o pensamento deixou de depender exclusivamente da oralidade e da memória. Isso possibilitou uma análise mais rigorosa, uma vez que os textos podiam ser lidos, relidos, analisados e criticados, contribuindo para o desenvolvimento da argumentação lógica.

O registro escrito dos discursos e dos debates tornou-se uma ferramenta essencial para os filósofos. Eles podiam, agora, organizar melhor suas ideias, comparar argumentos e construir sistemas de pensamento mais complexos e coerentes.

Além disso, a escrita facilitou o contato com outros saberes, como a matemática dos egípcios, a astronomia dos babilônios e a medicina dos persas, que foram fundamentais para o desenvolvimento da reflexão filosófica na Grécia.

Os grandes pensadores, como Heráclito, Parmênides, Sócrates (por meio dos diálogos de Platão), Platão e Aristóteles, beneficiaram-se diretamente desse avanço, que permitiu a sistematização e a preservação de suas ideias para as gerações futuras.

Portanto, a invenção da escrita alfabética não foi apenas um recurso técnico, mas um instrumento revolucionário que ampliou enormemente as possibilidades do

pensamento humano, tornando possível o surgimento da filosofia como conhecemos.

1.4 – A Filosofia como Superação do Pensamento Mítico

Características do Pensamento Filosófico

O pensamento filosófico se caracteriza, essencialmente, pela busca da verdade por meio da razão. Enquanto o mito oferece respostas baseadas na tradição, na autoridade e na fé, a filosofia procura explicações fundamentadas na observação, na análise e na argumentação lógica.

Uma das principais características da filosofia é a dúvida metódica. O filósofo não aceita respostas prontas; ele questiona, investiga e busca compreender os fundamentos da realidade, do conhecimento, da existência e da ação humana.

Outro traço fundamental é a busca pela universalidade. Enquanto os mitos costumam ser locais e culturais, a filosofia procura princípios que sejam verdadeiros em qualquer tempo e lugar, aplicáveis a toda a realidade.

O pensamento filosófico também é sistemático. Isso significa que ele busca organizar as ideias de maneira coerente, construindo teorias e sistemas que expliquem os fenômenos de forma racional e ordenada.

Você sabia?

Diferente do mito, que se apoia na tradição e na fé, **a filosofia busca a verdade com base na razão**. O filósofo não se contenta com respostas prontas – ele **questiona, investiga e argumenta**.

Além disso, a filosofia se distingue pela capacidade de autocrítica. O filósofo não apenas questiona o mundo externo, mas também analisa seus próprios métodos, conceitos e pressupostos, buscando constantemente aperfeiçoá-los.

A busca pela clareza, pela precisão conceitual e pela coerência lógica são, portanto, marcas distintivas do pensamento filosófico, que se opõe à ambiguidade e ao caráter simbólico do pensamento mítico.

Por fim, a filosofia é, acima de tudo, um exercício de liberdade. Ela liberta o ser humano das amarras da ignorância, do preconceito e da superstição, permitindo que ele se torne, verdadeiramente, autor de sua própria história e de suas escolhas.

1.5 – O Surgimento da Filosofia e sua Importância na Formação do Pensamento Ocidental

O surgimento da filosofia na Grécia Antiga representa uma ruptura decisiva com a mentalidade mítica, que até então dominava a explicação do mundo. Segundo Chauí (2000), a filosofia surge quando o pensamento humano abandona as respostas baseadas na tradição mítica e passa a buscar explicações racionais, fundadas na observação e na argumentação lógica.

Para Vernant (2022), esse surgimento não foi um fenômeno isolado, mas resultado de uma série de transformações históricas, sociais e culturais ocorridas nas cidades-estado gregas. Ele destaca que o ambiente democrático da pólis, o desenvolvimento do comércio e a invenção da escrita alfabetica foram elementos fundamentais para essa mudança de mentalidade.

Burnet (2006) ressalta que o nascimento da filosofia foi, acima de tudo, uma nova atitude diante do mundo. Para ele, os gregos passaram a perguntar não apenas como as coisas aconteciam, mas principalmente por que aconteciam, buscando princípios universais e explicações que pudessem ser compreendidas pela razão.

O abandono das explicações míticas não significou uma simples rejeição das tradições religiosas, mas uma transformação profunda na maneira de pensar. Como afirma Chauí (2000), a filosofia inaugura a prática do pensamento crítico e reflexivo, onde as respostas não são mais aceitas pela autoridade da tradição, mas precisam ser justificadas racionalmente.

Vernant (2022) explica que essa transição foi possível graças à criação de um espaço público de debate — a ágora — onde os cidadãos se reuniam para discutir questões políticas, sociais e econômicas. Esse ambiente de diálogo favoreceu o desenvolvimento do discurso argumentativo, essencial para a filosofia.

Burnet (2006) observa que os primeiros filósofos, conhecidos como pré-socráticos, direcionaram seu olhar principalmente para a natureza (*physis*),

buscando entender sua origem, sua constituição e suas transformações. Nesse sentido, eles romperam com a visão sobrenatural dos fenômenos e passaram a investigar as causas naturais.

Chauí (2000) reforça que a dúvida é um dos elementos centrais da filosofia. O filósofo não aceita explicações prontas; ele interroga, problematiza e busca compreender os fundamentos da realidade. Esse espírito crítico se opõe frontalmente ao pensamento mítico, que oferece respostas fechadas e definitivas.

Vernant (2022) acrescenta que o pensamento filosófico se caracteriza também pela busca da universalidade. Enquanto o mito está ligado a uma cultura específica, a filosofia busca princípios que sejam verdadeiros em qualquer tempo e lugar, aplicáveis a toda a realidade.

Burnet (2006) destaca ainda que a filosofia introduz a ideia de que a realidade possui uma ordem racional, que pode ser descoberta e compreendida pela mente humana. Essa concepção é a base não apenas da filosofia, mas também do desenvolvimento posterior das ciências.

Outro ponto essencial destacado por Chauí (2000) é que a filosofia não se limita à investigação da natureza, mas se volta também para questões éticas, políticas e existenciais. Perguntas como “O que é o bem?”, “O que é a justiça?” e “Qual o sentido da vida?” passam a fazer parte do horizonte filosófico.

Vernant (2022) observa que a prática filosófica esteve intimamente ligada ao surgimento da democracia ateniense, uma vez que o exercício do diálogo, da argumentação e da persuasão era indispensável para a participação na vida pública. Assim, filosofia e democracia se alimentaram mutuamente.

Burnet (2006) também sublinha que o surgimento das primeiras escolas filosóficas, como a de Mileto, a Pitagórica e a Eleática, representou um avanço significativo na sistematização do conhecimento. Nessas escolas, os filósofos buscavam explicar a realidade por meio de princípios racionais, criando as bases para o pensamento científico.

Chauí (2000) afirma que a filosofia é, acima de tudo, um exercício de liberdade. Ela liberta o ser humano da ignorância, do dogmatismo e da superstição, permitindo que ele se torne sujeito de sua própria história, capaz de refletir criticamente sobre o mundo e sobre si mesmo.

Vernant (2022) complementa que o surgimento da filosofia trouxe uma nova visão do ser humano: não mais como um ser submisso às forças misteriosas da natureza, mas como um agente racional, capaz de compreender, questionar e transformar sua realidade.

Por fim, como resume Burnet (2006), compreender o nascimento da filosofia é compreender o nascimento do pensamento crítico, da racionalidade e da autonomia. Esse legado não se limita à Grécia Antiga, mas constitui o fundamento de toda a tradição intelectual do Ocidente, que valoriza a razão, a liberdade de pensamento e a busca incessante pela verdade.

1.6 – A Filosofia como Fundamento da Cultura Ocidental

A filosofia grega não apenas rompeu com o pensamento mítico, mas tornou-se o alicerce intelectual sobre o qual se construiu toda a cultura ocidental. Como demonstra Chauí (2000), os conceitos desenvolvidos pelos primeiros filósofos — como logos, arché e physis — estabeleceram as bases para a ciência, a política e a ética que ainda orientam nosso mundo. A noção de que a realidade pode ser compreendida por meio da razão, e não apenas por revelações divinas ou tradições, é um legado direto dessa revolução intelectual.

A influência da filosofia grega se estendeu além da Antiguidade, moldando o pensamento medieval, renascentista e moderno. Vernant (2022) destaca que, mesmo durante o domínio cristão na Idade Média, autores como Agostinho e Tomás de Aquino reinterpretam a filosofia grega para conciliá-la com a fé, mostrando sua perene relevância. Já no Renascimento, o retorno aos textos clássicos de Platão e Aristóteles reacendeu o interesse pelo racionalismo e pelo humanismo, valores centrais da modernidade.

No campo político, a filosofia grega legou princípios fundamentais, como a ideia de isonomia (igualdade perante a lei) e a noção de que a democracia depende do debate racional. Burnet (2006) observa que, sem a valorização grega do diálogo e da argumentação, instituições como o parlamento e o sistema jurídico ocidental não teriam surgido da mesma forma. A própria ideia de que as leis devem ser justificadas racionalmente, e não impostas por autoridade divina, é uma herança direta da filosofia antiga.

Na esfera científica, o método de investigação filosófica — baseado em observação, hipóteses e crítica sistemática — preparou o terreno para a revolução científica dos séculos XVI e XVII. Chauí (2000) ressalta que figuras como Galileu e Newton, embora tenham revolucionado a ciência, seguiram o princípio grego de buscar explicações naturais e universais para os fenômenos. A própria distinção entre ciência e superstição tem suas raízes na separação entre mythos e logos iniciada pelos pré-socráticos.

Além disso, a filosofia grega estabeleceu questões que ainda hoje orientam o pensamento ocidental: O que é a justiça? (Platão), Como alcançar a felicidade? (Aristóteles), O que podemos conhecer? (Descartes). Vernant (2022) argumenta que a capacidade de problematizar esses temas, em vez de aceitar respostas prontas, é uma das maiores contribuições da Grécia para a cultura global. Até mesmo correntes contemporâneas, como o existencialismo e a filosofia analítica, dialogam constantemente com as ideias surgidas na Antiguidade.

Em síntese, como conclui Burnet (2006), a filosofia grega não foi um fenômeno restrito ao passado, mas o ponto de partida de uma tradição intelectual que valoriza a razão, a liberdade de pensamento e a busca incessante pela verdade. Seu legado permanece vivo não apenas nas universidades, mas na forma como o Ocidente entende a política, a ciência, a ética e o próprio sentido da existência humana. Compreender esse legado é essencial para reconhecer as origens de nossos valores e os desafios que ainda enfrentamos em nossa jornada pelo conhecimento.

CONCLUSÃO

A Filosofia, em sua essência, é o amor à sabedoria e a busca pelo conhecimento através da razão. Ela emerge da necessidade humana de compreender o mundo de forma crítica e sistemática, diferenciando-se das explicações míticas e religiosas que predominavam nas sociedades antigas. A reflexão racional marca o surgimento de uma forma nova e profunda de pensar, onde a investigação lógica e metafísica passa a ser fundamental para entender a realidade.

O pensamento mítico, predominante nas culturas anteriores ao surgimento da filosofia, caracteriza-se por explicações baseadas em narrativas sagradas, personificações divinas e tradições transmitidas oralmente. Esses mitos cumpriam funções sociais, morais e religiosas, ajudando a dar sentido ao mundo e à existência humana. Contudo, essa forma de conhecimento não se baseava na crítica ou na investigação racional.

A transição do mito ao logos representa uma mudança paradigmática fundamental na história do pensamento humano. Enquanto o mito se apoia na crença e na autoridade dos relatos tradicionais, o logos inaugura a razão, a argumentação e a busca por causas naturais e lógicas. Essa passagem marca o nascimento da filosofia, que questiona os fundamentos da realidade em vez de aceitá-los simplesmente.

Na Grécia Antiga, sobretudo a partir do século VI a.C., desenvolveu-se o ambiente propício para esse despertar racional. O logos começou a substituir gradativamente o mito como forma dominante de explicação, dando origem a questionamentos sistemáticos sobre o universo, o ser, a ética e o conhecimento. Esse momento é considerado o ponto de partida da filosofia ocidental.

O surgimento da filosofia não aconteceu isoladamente, mas esteve diretamente relacionado às condições históricas e culturais da Grécia. O contexto social, marcado por transformações políticas, econômicas e culturais, favoreceu o desenvolvimento do pensamento crítico. A estabilidade relativa e o florescimento das artes e da política nas cidades-estado criaram um terreno fértil para o debate e a reflexão.

As cidades-estado, conhecidas como *pólis*, foram essenciais para o florescimento da filosofia. A organização política descentralizada e a valorização da participação cidadã estimularam o diálogo e o confronto de ideias. Nas praças públicas e escolas, os filósofos puderam desenvolver e divulgar suas teorias, contribuindo para o avanço do pensamento racional.

Dentro desse cenário, a metafísica emergiu como um campo central da filosofia. Os primeiros filósofos começaram a investigar o problema do ser, ou seja, a natureza fundamental da realidade. Essa reflexão inicial buscava identificar o *arché*, o princípio primordial que explica a origem e a constituição do cosmos.

Essas perguntas metafísicas inaugurais abriram espaço para um novo tipo de conhecimento que buscava explicações universais e necessárias, rompendo com a diversidade e subjetividade das explicações míticas. O foco passou a ser compreender o que existe de forma absoluta, independente das aparências ou das interpretações culturais.

A filosofia pré-socrática, por exemplo, exemplifica esse esforço inicial. Filósofos como Tales, Anaximandro e Heráclito exploraram diferentes conceitos de arché, propondo que a água, o infinito ou o fogo seriam a substância primordial que tudo explica. Suas investigações já manifestam o uso da razão para entender a realidade.

Outro aspecto importante é que esse processo de passagem do mito ao logos não eliminou completamente as tradições anteriores, mas as reinterpretou. O pensamento filosófico dialogou com a cultura grega, apropriando-se de mitos e símbolos, porém sempre questionando e buscando fundamentação racional para as explicações.

Assim, a origem da filosofia é um marco fundamental na história do pensamento humano, pois estabelece as bases para o desenvolvimento do conhecimento crítico, científico e ético. A partir dela, a razão passa a ser a ferramenta principal para desvendar os mistérios da existência, abrindo caminho para o progresso intelectual das civilizações posteriores.

Em síntese, a Unidade 1 revela que a filosofia nasce da tensão entre o mito e o logos, em um contexto histórico e cultural propício, e se caracteriza pela busca incessante pelo princípio do ser e pelo entendimento racional da realidade, inaugurando um novo modo de pensar que perdura até os dias atuais.

HORA DE REVISAR

1. Essência da Filosofia:
 - a. Definição como "amor à sabedoria";
 - b. Característica fundamental: busca racional do conhecimento;
 - c. Diferença radical das explicações míticas/religiosas.
2. Contraste Mito vs. Logos:
 - a. Mito: narrativas sagradas, tradição oral, explicações não-críticas;

- b. Logos: argumentação lógica, causas naturais, investigação sistemática;
 - c. Mudança paradigmática no pensamento humano.
3. Contexto Histórico do Surgimento:
- a. Século VI a.C. na Grécia Antiga;
 - b. Condições sociais e políticas favoráveis;
 - c. Papel central das pólis (cidades-estado);
 - d. Ambiente propício ao debate e reflexão.
4. Nascimento da Metafísica:
- a. Primeiras investigações sobre o ser (arché);
 - b. Busca por princípios universais e absolutos;
 - c. Ruptura com a subjetividade das explicações míticas;
 - d. Exemplos pré-socráticos (Tales, Anaximandro, Heráclito).
5. Significado Histórico:
- a. Estabelecimento do pensamento crítico;
 - b. Base para desenvolvimento científico e ético;
 - c. Diálogo com a tradição (reinterpretação de mitos);
 - d. Legado duradouro para o pensamento ocidental.

SUGESTÕES DE LEITURA

1. Sobre a Transição do Mito ao Logos:
- a. VERNANT, J.-P. *As Origens do Pensamento Grego*. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
 - i. Por que ler? Analisa o contexto histórico e cultural que permitiu o surgimento da filosofia na Grécia, contrastando mito e razão;
 - ii. Relacionado ao conteúdo: Capítulos sobre a pólis e o nascimento do pensamento racional.
 - b. DETIENNE, M. *Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
 - i. Por que ler? Explora como a verdade deixou de ser domínio dos poetas (mito) e passou aos filósofos (logos).
2. Sobre os Pré-Socráticos e a Busca pelo Arché:

- a. KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. Os *Filósofos Pré-Socráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
 - i. Por que ler? Apresenta fragmentos e comentários sobre Tales, Anaximandro, Heráclito, Parmênides e outros;
 - ii. Relacionado ao conteúdo: Explica as diferentes teorias sobre o princípio (arché) do cosmos.
 - b. BURNET, J. *A Aurora da Filosofia Grega*. Porto Alegre: Globo, 1969.
 - i. Por que ler? Clássico sobre como os primeiros filósofos romperam com o pensamento mítico.
3. Sobre Metafísica e Filosofia Antiga:
- a. ARISTÓTELES. *Metafísica*. (Livro I – Sobre a Sabedoria e o Arché).
 - i. Por que ler? Aristóteles analisa as teorias dos pré-socráticos e estabelece a metafísica como "filosofia primeira".
 - b. PLATÃO. *Fédon (Sobre a Teoria das Ideias)* e *A República (Livro VI – Alegoria da Caverna)*.
 - i. Por que ler? Mostra como Platão desenvolveu a metafísica a partir de Sócrates e dos pré-socráticos.
4. Sobre o Contexto Histórico da Grécia Antiga:
- a. FINLEY, M. I. *Os Gregos Antigos*. Lisboa: Edições 70, 1994.
 - i. Por que ler? Explica a estrutura das pólis e como a democracia grega influenciou o pensamento filosófico.
 - b. JAEGER, W. *Paideia: A Formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
 - i. Por que ler? Discute a educação e cultura gregas como base para o surgimento da filosofia.
5. Sobre Filosofia Geral e Introdução ao Pensamento Crítico:
- a. CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.
 - i. Por que ler? Ótimo para entender a passagem do mito ao logos e a importância da filosofia antiga.
 - b. ABBAGNANO, N. *História da Filosofia (Vol. 1 – Antiguidade e Idade Média)*. Lisboa: Presença, 2003.

- i. Por que ler? Traz um panorama completo desde os pré-socráticos até Aristóteles.

REFERÊNCIAS

- AUBENQUE, P. **O problema do Ser em Aristóteles**. s.n.d. DE
- LIBERA, A. **A Filosofia Medieval**. São Paulo:Loyola,1998.
- BARNES, J. **Aristóteles**. São Paulo: Ideias e Letras, 2009.
- BURNET, J. **A aurora da Filosofia Grega**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- CASORETTI, A. M. **A ascética da alma na antiguidade grega: orfismo e pitagorismo**. Dissertação (Mestrado). PUC-SP, São Paulo, 2014.

UNIDADE 2 - O PERÍODO PRÉ-SOCRÁTICO: HERÁCLITO, PARMÊNIDES E OUTROS PENSADORES

2.1 – Quem Foram os Pré-Socráticos

Os pré-socráticos foram os primeiros pensadores a romper com a visão mítica do mundo, buscando compreender a realidade a partir da razão, da observação e da reflexão lógica. Segundo Barnes (2009), esses filósofos são considerados os fundadores da filosofia ocidental, pois introduziram uma nova maneira de pensar, desvinculada das explicações sobrenaturais.

O termo “pré-socráticos” não significa que eles sejam menos importantes do que Sócrates, mas sim que viveram antes dele ou que não participaram diretamente da transformação filosófica que Sócrates provocaria, voltada para questões éticas e humanas. De acordo com Long (2008), esses pensadores estavam mais preocupados com a natureza, a origem do cosmos e os princípios que sustentam tudo o que existe.

A grande questão que movia os pré-socráticos era a busca pela arché, isto é, o princípio fundamental, a substância primeira, a origem de todas as coisas. Eles queriam entender o que permanece constante em meio às mudanças, qual é o elemento primordial do qual tudo deriva e para o qual tudo retorna.

Segundo Oliva e Guerreiro (2000), essa busca marca o nascimento da metafísica, pois os pré-socráticos começaram a se perguntar sobre o ser, sobre o que realmente existe, indo além das aparências e das explicações imediatas. Eles queriam compreender o que há de permanente por trás da diversidade dos fenômenos.

Para Porto (2013), esses pensadores não estavam interessados apenas na origem das coisas, mas também nos processos de transformação, na dinâmica da realidade e nas leis que regem as mudanças no mundo. Assim, sua investigação abrange tanto a estabilidade quanto a mutabilidade do universo.

O surgimento desse tipo de pensamento não foi algo isolado. Ele está diretamente ligado ao contexto histórico das cidades-estado gregas, caracterizado pela autonomia política, pelo desenvolvimento do comércio e pelo intenso

intercâmbio cultural com outros povos. Como destaca Barnes (2009), esse ambiente favoreceu o desenvolvimento de uma mentalidade crítica e investigativa.

Long (2008) afirma que os pré-socráticos foram fundamentais na transição do mito para o logos. O mito oferecia respostas baseadas na tradição, nos deuses e nas narrativas simbólicas. O logos, por sua vez, busca explicações racionais, fundamentadas na lógica, na observação e no debate.

Cada filósofo pré-socrático apresentou uma proposta diferente para explicar a arché. Tales de Mileto, considerado o primeiro filósofo ocidental, afirmava que a água era o princípio de tudo. Anaximandro propôs o ápeiron, uma substância ilimitada, indefinida, que está na origem de tudo. Anaxímenes, por sua vez, acreditava que o ar era a substância primordial.

Esse movimento filosófico se espalhou por diversas regiões do mundo grego, como Jônia, Magnésia, Eleia e Sicília. Nessas diferentes escolas, surgiram respostas variadas, mas todas centradas na busca por uma compreensão racional e universal do cosmos.

Além dos elementos materiais, alguns pré-socráticos começaram a propor explicações que iam além da matéria. Heráclito de Éfeso, por exemplo, destacou o devir, isto é, a constante mudança, resumida em sua famosa frase: “Tudo flui” (panta rhei). Já Parmênides de Eleia afirmava exatamente o oposto: que o ser é uno, imutável e eterno.

Você sabia?

Os primeiros filósofos da Grécia Antiga – os **pré-socráticos** – estavam em busca de uma explicação racional para a origem de tudo, a chamada **arché**.

Tales dizia que era a **água**, Anaximandro falou do **ápeiron** (algo indefinido e infinito), e Anaxímenes apostava no **ar**.

Para Porto (2013), essa tensão entre mudança e permanência é um dos grandes legados dos pré-socráticos, que influenciaria profundamente toda a história da filosofia posterior, inclusive Platão e Aristóteles, que tentaram reconciliar essas duas visões.

Barnes (2009) observa que, além de influenciar diretamente a filosofia, o pensamento dos pré-socráticos foi essencial para o desenvolvimento das ciências. Ao buscar causas naturais para os fenômenos, eles abriram caminho para o surgimento da física, da biologia e da astronomia, ainda que de forma rudimentar.

Long (2008) também destaca que, mesmo sendo classificados como “filósofos da natureza”, esses pensadores não se limitaram apenas ao mundo físico. Muitos deles também refletiram sobre a origem do conhecimento, sobre a relação entre razão e experiência, e sobre os limites da compreensão humana.

Oliva e Guerreiro (2000) ressaltam que, embora as respostas dos pré-socráticos possam parecer simples aos olhos da ciência contemporânea, o que realmente importa é a atitude que eles inauguraram: a busca por respostas racionais, fundamentadas no pensamento crítico, na observação e na argumentação.

Esse novo modo de pensar não apenas fundou a filosofia, mas também transformou a maneira como o ser humano se relaciona com o mundo. Como afirma Barnes (2009), os pré-socráticos abriram as portas para uma investigação infinita, onde cada resposta gera uma nova pergunta, impulsionando o progresso do saber.

Em síntese, os pré-socráticos foram pioneiros na tentativa de compreender o cosmos e a realidade por meio da razão. Sua busca pela arché, sua reflexão sobre o ser, o movimento e a permanência, bem como sua rejeição às explicações míticas, constituem as bases não apenas da filosofia, mas de toda a tradição intelectual do Ocidente.

2.2 – Principais Escolas e Pensadores

Escola Jônica: Tales, Anaximandro e Anaxímenes

A Escola Jônica, localizada na cidade de Mileto, na Ásia Menor, é considerada o berço da filosofia ocidental. Seus pensadores romperam com as explicações míticas e buscaram, pela primeira vez, compreender a origem e o funcionamento do cosmos por meio da razão. Essa escola é marcada pela tentativa de identificar um elemento primordial, chamado arché, que seria o princípio constitutivo de todas as coisas.

Tales de Mileto, considerado o primeiro filósofo da história, defendia que a água seria esse elemento originário. Para ele, tudo surge da água e nela retorna, uma ideia que pode estar relacionada à observação da importância da água na vida cotidiana e nos fenômenos naturais (BARNES, 2009). A escolha da água reflete uma busca inicial por um princípio que fosse concreto e perceptível.

O pensamento de Tales, embora simples do ponto de vista atual, representou uma ruptura radical com o saber anterior. Pela primeira vez, propunha-se uma explicação natural para o surgimento do mundo, sem recorrer às vontades dos deuses ou a mitos sobrenaturais.

Anaximandro, discípulo de Tales, desenvolveu uma teoria mais abstrata. Ele rejeitou a ideia de que um elemento conhecido, como a água, pudesse ser a fonte de tudo, pois todos os elementos possuem características limitadas. Por isso, concebeu o apeiron, que significa “ilimitado” ou “indeterminado”, como o princípio gerador de todas as coisas. Para Oliva e Guerreiro (2000), essa foi uma das primeiras tentativas de pensar uma realidade além do que é imediatamente sensível.

O apeiron não possui características definidas, o que o torna capaz de gerar a multiplicidade dos seres. Dele emergem os opostos — quente e frio, seco e úmido — que, em equilíbrio e conflito, dão origem às diversas manifestações da realidade. Essa visão introduz, pela primeira vez, a noção de um princípio abstrato e transcendente à experiência sensível.

Anaxímenes, por sua vez, retomou a ideia de que o arché seria um elemento físico, escolhendo o ar como princípio fundamental. Segundo Long (2008), Anaxímenes acreditava que, por meio dos processos de rarefação e condensação, o ar poderia se transformar nos diversos elementos que compõem o mundo — como fogo, vento, água, terra e pedra. Sua teoria demonstra uma tentativa de explicar as transformações da natureza por processos físicos observáveis.

A Escola Jônica, portanto, não apenas buscava um princípio material, mas também procurava entender como a multiplicidade e a transformação dos seres derivam desse princípio. Suas investigações estão na raiz do desenvolvimento tanto da filosofia quanto das ciências naturais.

Escola Pitagórica: O Número como Essência de Todas as Coisas

A Escola Pitagórica, fundada por Pitágoras no século VI a.C., trouxe uma perspectiva inovadora para o pensamento filosófico, ao afirmar que a realidade é estruturada segundo relações numéricas. Para os pitagóricos, “tudo é número”. Isso significa que as leis que regem o cosmos podem ser compreendidas por meio de proporções e harmonia matemática (PORTO, 2013).

Diferente dos jônios, que buscavam um elemento material como origem de tudo, os pitagóricos identificaram na abstração matemática a verdadeira essência da realidade. Esse pensamento surge da constatação de que muitos fenômenos da natureza, especialmente na música, podem ser explicados por relações numéricas simples, como a divisão das cordas de um instrumento para produzir diferentes notas.

Os pitagóricos também associaram os números a propriedades qualitativas. Por exemplo, o número um representava a unidade; o dois, a dualidade; o três, a harmonia; o quatro, a justiça. Assim, a matemática não era apenas uma ferramenta quantitativa, mas também possuía significados metafísicos e éticos.

Além da matemática, os pitagóricos cultivavam uma visão espiritual da existência. Acreditavam na imortalidade da alma e na transmigração (metempsicose), ou seja, na reencarnação da alma em diferentes corpos, tanto humanos quanto animais. Esse aspecto conferia à escola uma dimensão mística e religiosa, que se unia à sua preocupação científica.

O rigor com que os pitagóricos buscavam a ordem e a harmonia influenciou profundamente não apenas a filosofia, mas também a arquitetura, a música, a astronomia e, especialmente, o pensamento platônico, que herdou a ideia de que a verdadeira realidade é acessível apenas ao pensamento racional e não aos sentidos.

Escola de Éfeso: Heráclito e o Devir

Heráclito de Éfeso trouxe uma visão revolucionária ao afirmar que a essência da realidade é a mudança. Seu famoso aforismo “Nenhum homem pode atravessar o mesmo rio duas vezes” expressa a ideia de que tudo está em constante transformação. Para ele, o mundo é um fluxo contínuo, onde nada permanece fixo.

O fogo, para Heráclito, é o símbolo desse processo incessante de transformação. Ele não apenas representa a mudança, mas também a energia vital que mantém o cosmos em equilíbrio. Segundo Barnes (2009), Heráclito via no conflito entre os opostos — quente e frio, seco e úmido, vida e morte — o motor que gera e sustenta a ordem do universo.

Ao contrário do senso comum, que teme o conflito e busca a estabilidade, Heráclito mostra que a harmonia nasce justamente da tensão entre os contrários. Essa visão dialética da realidade influenciaria profundamente o desenvolvimento da filosofia, especialmente em Hegel, muitos séculos depois.

Heráclito também rompeu com a crença de que a realidade é acessível pelos sentidos de forma direta. Para ele, o entendimento do logos — a razão universal que governa o devir — exige reflexão e busca interior. Essa concepção do logos como princípio racional antecede conceitos fundamentais tanto na metafísica quanto na filosofia da linguagem.

Escola Eleática: Parmênides, Xenófanes e Zenão

A Escola Eleática surge como uma reação crítica ao pensamento de Heráclito e dos jônios. Parmênides, seu principal expoente, propôs uma tese radical: “O ser é, e o não ser não é”. Essa afirmação estabelece que só o ser pode ser pensado e que, portanto, a mudança é ilusória. O ser é uno, imutável, eterno e perfeito (OLIVA; GUERREIRO, 2000).

Para Parmênides, confiar nos sentidos leva ao erro, pois eles nos mostram uma realidade múltipla e em constante transformação, o que é contraditório. A verdadeira realidade só pode ser conhecida pela razão, que apreende o ser como algo absoluto, sem começo, sem fim e sem variação.

Xenófanes, que influenciou a Escola Eleática, realizou uma crítica contundente à religião tradicional grega. Ele rejeitava a ideia de deuses antropomórficos e defendia a concepção de um Deus único, eterno, imutável e absoluto — uma antecipação da ideia de monoteísmo. Para ele, “Se os bois, cavalos ou leões tivessem mãos e pudesse desenhar, pintariam seus deuses semelhantes a eles mesmos” (LONG, 2008).

Zenão de Eleia, discípulo de Parmênides, elaborou uma série de paradoxos com o objetivo de demonstrar que a crença no movimento, na multiplicidade e na mudança leva a contradições lógicas. Seus paradoxos mais famosos, como o de Aquiles e a tartaruga, questionam a própria possibilidade do movimento, desafiando a lógica e provocando reflexões que permanecem até hoje nos campos da matemática e da física.

Você sabia?

Para **Parmênides**, confiar nos sentidos é um erro: eles nos enganam com a aparência da mudança. A verdadeira realidade, segundo ele, é **imutável, eterna e una** só pode ser conhecida pela **razão**.

Seu discípulo **Zenão de Eleia** criou paradoxos famosos, como o de **Aquiles e a tartaruga**, para mostrar que o movimento é uma ilusão e desafiar a lógica comum.

A Escola Eleática introduz, assim, uma metafísica do ser, fundamentada na unidade, na imutabilidade e na rejeição do devir. Essa visão influenciou profundamente a filosofia posterior, especialmente Platão, que procurou conciliar as ideias de Heráclito e Parmênides em sua teoria das ideias.

A oposição entre as escolas de Éfeso e Eleia, entre Heráclito e Parmênides, marca um dos debates mais fundamentais da história da filosofia: a relação entre ser e devir, entre permanência e mudança. Esse debate não apenas fundamenta a metafísica, mas também se reflete em diversas áreas do conhecimento até os dias atuais.

2.3 – Heráclito vs. Parmênides: O Ser e o Devir

A tensão entre Heráclito e Parmênides representa uma das questões mais fundamentais e duradouras da metafísica: o problema da mudança versus a permanência. Segundo Barnes (2009), essa oposição filosófica coloca em choque duas formas de entender a realidade, que continuam influenciando a filosofia até hoje.

Heráclito de Éfeso é famoso por afirmar que “tudo flui” (panta rhei), ressaltando o caráter dinâmico e mutável do mundo. Para ele, a mudança não é

apenas um aspecto do real, mas a própria essência da existência. A estabilidade, nesse contexto, é uma ilusão que os sentidos nos pregam, pois o fluxo e a transformação são constantes.

De acordo com Porto (2013), Heráclito concebe a realidade como uma tensão permanente entre opostos, que se complementam e se definem mutuamente. Essa dialética de contrários — como quente e frio, seco e úmido — gera a harmonia universal, uma ordem que nasce do conflito e da luta contínua entre forças divergentes.

Por outro lado, Parmênides, filósofo da escola de Eleia, inaugura uma filosofia rigorosamente racionalista e ontológica. Conforme Oliva e Guerreiro (2000), Parmênides rejeita os sentidos como fontes confiáveis do conhecimento, pois eles apenas nos mostram aparências ilusórias, enganosas e mutáveis.

Para Parmênides, só o ser é verdadeiro, uno, eterno e imutável. O não-ser, por ser um absurdo lógico, não pode existir nem ser pensado. Essa tese radical implica que o mundo percebido pelos sentidos — com suas mudanças, surgimentos e desaparecimentos — não corresponde à realidade última, mas é mera aparência.

Barnes (2009) destaca que a filosofia de Parmênides marca o nascimento da ontologia, a reflexão sobre o ser em si mesmo. Seu poema filosófico é uma investigação profunda sobre o que pode ser dito e pensado a respeito da existência, estabelecendo limites para o conhecimento humano.

A concepção parmenidiana do ser como absoluto, contínuo e indivisível entra em choque com a percepção comum da pluralidade e do movimento. Qualquer fragmentação ou transformação equivaleria à introdução do não-ser, o que é logicamente impossível para ele.

Assim, o debate entre Heráclito e Parmênides não é apenas uma disputa pessoal, mas a manifestação de uma tensão ontológica profunda que permeia toda a tradição filosófica ocidental. Essa tensão entre mudança e permanência, entre aparência e realidade, desafia a filosofia a buscar respostas equilibradas.

Para Porto (2013), essa dualidade influenciou decisivamente a filosofia posterior. Platão, por exemplo, procurou reconciliar os dois extremos, distinguindo o mundo sensível — sujeito ao fluxo e à impermanência — do mundo das ideias, eterno e imutável, que seria a verdadeira realidade.

Aristóteles, por sua vez, desenvolveu um sistema metafísico que integrou o ser e o devir. Para ele, a substância é aquilo que permanece enquanto muda em suas propriedades. A noção de ato e potência é central nessa tentativa, explicando como algo pode ser e tornar-se sem perder sua identidade fundamental.

Na filosofia contemporânea, essa discussão permanece viva e relevante. Heidegger, por exemplo, retomou a questão do ser a partir da existência concreta e do tempo vivido, revelando novos sentidos para a ontologia clássica. Ao mesmo tempo, correntes como a fenomenologia exploram a experiência do fluxo e da transformação.

Além disso, a física moderna, com suas teorias sobre o tempo, a relatividade e a física quântica, reacende o debate sobre a natureza do ser e da mudança, mostrando que essa antiga disputa ainda é um campo fértil para a investigação científica e filosófica.

Burnet (2006) enfatiza que, mesmo com o avanço das ciências, o problema da permanência e da transformação permanece central para a compreensão da realidade. A dialética heraclitiana e a ontologia parmenidiana continuam sendo referências fundamentais para esse diálogo.

Heráclito e Parmênides, portanto, não são apenas figuras históricas, mas protagonistas de um conflito conceitual que ilumina questões essenciais sobre o mundo, o conhecimento e a existência humana. Compreender suas ideias é fundamental para qualquer estudo sério da filosofia.

Em suma, o confronto entre o fluxo e a estabilidade, o devir e o ser, revela o desafio eterno da metafísica: explicar como algo pode mudar e, ao mesmo tempo, permanecer. Essa problemática orienta não apenas a filosofia antiga, mas também as reflexões contemporâneas sobre o real.

A relevância dessa dualidade ultrapassa os limites da filosofia, alcançando campos como a psicologia, a teologia, a ciência e até a arte, onde se busca entender a relação entre permanência e transformação na experiência humana e no universo.

Finalmente, a dialética entre Heráclito e Parmênides é uma herança viva que continua a inspirar o pensamento crítico e a investigação filosófica, desafiando-nos a pensar a complexidade da existência com profundidade e rigor.

2.4 – Outras Contribuições

Empédocles foi um dos pensadores pré-socráticos que tentou reconciliar as ideias aparentemente opostas de ser e devir, permanência e mudança. Para isso, propôs a existência de quatro elementos fundamentais que compõem toda a realidade: terra, água, ar e fogo. Esses elementos, segundo Chauí (2000), não atuam isoladamente, mas estão em constante interação.

Esses quatro elementos são submetidos a duas forças contrárias que regem o cosmos: o amor (*philía*), que une e harmoniza os elementos, e o ódio (*neikos*), que os separa e provoca conflito. Essa dinâmica cíclica explica a alternância entre unidade e diversidade no mundo, criando um movimento perpétuo de combinação e separação.

Long (2008) destaca que a concepção de Empédocles foi uma tentativa inovadora de superar a dicotomia entre estabilidade e mudança, ao mostrar que a realidade é tanto uma unidade harmoniosa quanto um processo em constante transformação.

Você sabia?

O filósofo **Empédocles** tentou unir duas ideias que pareciam opostas: a **estabilidade do ser e a mudança constante do mundo**. Como? Ele propôs que tudo é formado por **quatro elementos** – terra, água, ar e fogo – que estão sempre em movimento.

Além disso, a influência de Empédocles ultrapassou a filosofia natural, alcançando áreas como a medicina e a psicologia da Antiguidade. A associação dos quatro elementos aos humores corporais fundamenta práticas terapêuticas e explicações para o comportamento humano, mostrando o alcance interdisciplinar de suas ideias.

Outro pensador fundamental do período pré-socrático foi Anaxágoras, que introduziu o conceito de *nous*, traduzido como mente ou inteligência, como princípio ordenador do cosmos. Para Barnes (2009), essa foi uma importante inovação, pois acrescentou uma dimensão racional e teleológica à explicação naturalista do universo.

Segundo Oliva e Guerreiro (2000), Anaxágoras acreditava que o cosmos originou-se de uma mistura caótica e homogênea, onde todas as coisas estavam presentes em sementes (spermata). A mente (nous), imaterial e inteligente, foi quem iniciou o movimento e organizou essa mistura, permitindo o surgimento da ordem e diversidade perceptíveis.

Essa noção de uma inteligência cósmica que atua na organização do mundo antecipou discussões posteriores sobre causalidade, racionalidade e a relação entre o material e o imaterial, constituindo um elo entre a metafísica e a filosofia da mente.

Por fim, a teoria atomista de Leucipo e Demócrito trouxe uma perspectiva materialista e mecanicista para o entendimento da realidade. Conforme Porto (2013), eles postulavam que tudo é composto por átomos — partículas indivisíveis, eternas e imutáveis — que se movem no vazio.

O atomismo rompeu com explicações míticas e teleológicas, propondo que as mudanças observadas no mundo resultam do movimento e da reorganização desses átomos. Essa teoria foi precursora de muitos conceitos da física moderna, como a existência de partículas fundamentais e a dinâmica da matéria.

Além disso, a ideia do vazio, essencial para o movimento dos átomos, confrontou diretamente a visão aristotélica de um espaço cheio e contínuo, abrindo espaço para novas investigações sobre o espaço e o tempo.

Outros pensadores pré-socráticos também apresentaram contribuições significativas. Por exemplo, Anaximandro sugeriu o conceito do apeiron, o princípio ilimitado e indeterminado que está além dos elementos tradicionais e que dá origem a todas as coisas, introduzindo um pensamento mais abstrato e radical.

Essa diversidade de ideias evidencia que o período pré-socrático não foi homogêneo, mas um campo fértil de experimentações filosóficas. Essas primeiras reflexões buscaram compreender a origem, a composição e o funcionamento do cosmos, além de questionar a validade da percepção sensorial e o papel da razão.

Conforme Vernant (2022), essas abordagens diversas formaram o alicerce para o desenvolvimento da metafísica, abrindo caminho para os debates sistemáticos que caracterizariam a filosofia clássica grega.

As formulações dos pré-socráticos criaram um ambiente intelectual propício para a emergência de conceitos essenciais sobre o ser, o conhecimento e a

realidade, que seriam profundamente explorados por filósofos posteriores, como Platão e Aristóteles.

Por isso, estudar as contribuições desses pensadores é indispensável para compreender a trajetória do pensamento ocidental. Eles foram responsáveis por estabelecer as questões fundamentais e os conceitos que moldaram a busca humana pelo conhecimento e a interpretação do mundo.

Finalmente, suas ideias demonstram como a filosofia nasceu da tentativa de substituir explicações míticas por explicações racionais, sistemáticas e críticas, abrindo caminho para a ciência e o pensamento crítico moderno.

CONCLUSÃO

A Unidade 2 nos apresentou os primeiros grandes passos da filosofia ocidental, quando os pré-socráticos romperam com as explicações míticas e buscaram compreender o mundo por meio da razão e da investigação crítica. Esse movimento marcou o nascimento da metafísica e inaugurou uma nova postura diante da realidade, pautada no logos, que até hoje fundamenta o pensamento filosófico.

Esses pensadores colocaram em evidência questões fundamentais: qual a origem do cosmos? Qual o princípio que sustenta a multiplicidade dos seres? Como conciliar a estabilidade com a mudança? Suas respostas, embora distintas e às vezes conflitantes, foram pioneiras na história intelectual do Ocidente.

A Escola Jônica, com Tales, Anaximandro e Anaxímenes, foi a primeira a propor explicações naturais para a origem do mundo, buscando um princípio material ou indefinido que fosse a raiz de tudo. Essa busca por um arché representou um enorme avanço, pois tirou o saber das mãos do mito para colocá-lo na esfera da razão e da observação.

Por sua vez, a Escola Pitagórica ampliou a perspectiva, ao apontar que a essência da realidade não estava apenas nos elementos físicos, mas na matemática, na harmonia dos números e na estrutura racional que organiza o cosmos. Essa visão revelou uma dimensão abstrata e universal da existência, que influencia profundamente Platão e o desenvolvimento da ciência.

Heráclito e Parmênides, representantes das escolas de Éfeso e Eleia, respectivamente, nos colocaram diante da grande tensão filosófica entre o devir e o ser, entre a mudança e a permanência. Heráclito enfatizou o fluxo constante e a transformação, enquanto Parmênides defendeu a imutabilidade do ser como a verdadeira realidade.

Essa oposição não é apenas histórica, mas uma questão central que atravessa toda a metafísica. Ela nos desafia até hoje a compreender como o mundo pode ser simultaneamente mutável e permanente, e como nosso conhecimento pode captar essa complexidade.

O pensamento dos pré-socráticos vai muito além de respostas específicas; sua maior contribuição foi o estabelecimento do pensamento crítico, da argumentação e da busca por explicações racionais. Essa atitude revolucionária pavimentou o caminho para toda a filosofia posterior, incluindo Sócrates, Platão e Aristóteles.

Além disso, como evidenciado por Barnes (2009), os pré-socráticos abriram as portas para o desenvolvimento das ciências naturais ao buscar causas naturais para os fenômenos, estabelecendo a base para disciplinas como a física, a biologia e a astronomia.

Você sabia?

Os **pré-socráticos** não apenas procuravam saber do que tudo é feito – eles deram o primeiro passo rumo ao **pensamento crítico e racional**. Foram os pioneiros na busca de explicações lógicas e naturais para os fenômenos do mundo, rompendo com explicações míticas.

A dialética entre os opostos, o reconhecimento da complexidade do real e a crítica às aparências sensoriais são temas que reverberam nas reflexões filosóficas até a contemporaneidade, incluindo correntes como a fenomenologia e a ontologia existencial.

É importante destacar que, apesar das limitações do conhecimento científico da época, a audácia dos pré-socráticos em questionar as explicações tradicionais,

investigar o cosmos e propor princípios fundamentais constituiu um marco no desenvolvimento do pensamento humano.

Esse legado permanece vivo na filosofia, mostrando que toda resposta gera novas perguntas, impulsionando um movimento contínuo de busca pelo saber e pela compreensão do ser, da natureza e do universo.

Finalmente, ao estudarmos o período pré-socrático, reconhecemos que as raízes do pensamento racional, crítico e investigativo da humanidade estão fincadas nesse momento histórico, onde a curiosidade e a razão começaram a desafiar os mitos, abrindo caminho para uma jornada intelectual que ainda hoje prossegue.

REFERÊNCIAS

- BARNES, Jonathan. **Aristóteles**. São Paulo: Ideias e Letras, 2009.
- OLIVA, Alberto; GUERREIRO, Mário. **Os pré-socráticos. A invenção da Filosofia Moderna**. Campinas: Papirus, 2000.
- LONG, A. A. **Primórdios da Filosofia Grega**. São Paulo: Ideias e Letras, 2008.
- PORTO, C. M. **O atomismo grego e a formação do pensamento físico moderno**. Revista Brasileira de Ensino de Física, v. 35, n. 4, 2013.

UNIDADE 3 – SÓCRATES, SOFISTAS, PLATÃO E ARISTÓTELES: A CONSOLIDAÇÃO DA FILOSOFIA

3.1 – Os Sofistas e o Relativismo

Quem foram os Sofistas

Os sofistas foram pensadores e educadores itinerantes que atuaram, principalmente, na Grécia do século V a.C., especialmente em Atenas, no contexto de uma sociedade democrática e altamente participativa. Diferente dos filósofos da natureza, que buscavam compreender a origem e a essência do cosmos, os sofistas voltaram sua atenção para as questões humanas, como a linguagem, a política, a educação e a moral (Aubenque, s.n.d.).

Na prática, os sofistas ofereciam um ensino pago, voltado para o desenvolvimento da retórica, da argumentação e da capacidade de persuadir nos espaços públicos, especialmente nas assembleias e tribunais. Eles formavam cidadãos preparados para a vida pública e política, algo extremamente valorizado em uma Atenas democrática, onde a capacidade de argumentação era essencial para a participação nos debates coletivos (Barnes, 2009).

O termo "sofista" deriva do grego sophos, que significa "sábio" ou "experiente". Inicialmente, era um título de prestígio, mas, com o tempo, especialmente a partir das críticas de Platão e Aristóteles, passou a adquirir uma conotação negativa. Esses filósofos acusavam os sofistas de priorizarem a forma em detrimento do conteúdo, ensinando técnicas de persuasão que poderiam ser usadas tanto para o bem quanto para o mal, sem compromisso com a verdade (Chauí, 2000).

Entre os principais sofistas, destacam-se nomes como Protágoras, Górgias, Hípias, Pródico e Trasímaco. Cada um deles trouxe contribuições específicas ao debate filosófico. Protágoras, por exemplo, é lembrado por sua famosa máxima: "O homem é a medida de todas as coisas", expressão que sintetiza a base do relativismo sofístico (Barnes, 2009).

O Ensino da Retórica e o Questionamento dos Valores

O ensino da retórica pelos sofistas não era apenas uma técnica discursiva, mas também uma reflexão sobre a própria natureza do conhecimento e da verdade.

Na visão sofística, a realidade não poderia ser conhecida de forma objetiva e absoluta, pois cada indivíduo percebe o mundo a partir de suas próprias experiências e contextos. Desse modo, a verdade seria sempre relativa a quem a enuncia e ao contexto em que é dita (Chauí, 2000).

Protágoras defendia que todas as opiniões são válidas na medida em que refletem a percepção de quem as sustenta. Assim, o que é verdadeiro para um pode não ser para outro. Essa concepção teve enorme impacto na filosofia, pois deslocou o eixo do pensamento do mundo natural para o mundo humano, das leis da natureza para as leis sociais e culturais (Aubenque, s.n.d.).

Górgias, outro sofista importante, aprofundou ainda mais o ceticismo. Em seu famoso tratado Sobre o Não-Ser, ele afirma três teses provocativas: 1) Nada existe; 2) Se algo existisse, não poderia ser conhecido; 3) Se pudesse ser conhecido, não poderia ser comunicado. Embora soe como uma provocação, essa reflexão abre uma discussão profunda sobre os limites da linguagem e da comunicação, que permanece relevante até hoje (Barnes, 2009).

Você sabia?

Para os **sofistas**, como **Protágoras e Górgias**, não existe uma verdade única e absoluta. Cada pessoa percebe o mundo de acordo com sua **experiência e contexto**, o que torna a verdade algo **relativo**.

Protágoras dizia: "O homem é a medida de todas as coisas", ou seja, o que é verdadeiro para um pode não ser para outro. Já Górgias foi além, afirmando que talvez **nada exista**, e que, mesmo que existisse, **não poderíamos conhecer ou comunicar** isso com certeza.

A partir dessa visão, os sofistas afirmavam que as leis, os costumes e as normas morais não eram realidades naturais, mas construções sociais. Portanto, poderiam ser questionadas, modificadas ou até descartadas, conforme os interesses e as necessidades da coletividade. Isso representava uma revolução no pensamento, pois deslocava a origem dos valores do mundo divino ou natural para o mundo humano e cultural (Chauí, 2000).

Críticas e Legado dos Sofistas

Essa postura, contudo, não foi bem aceita por todos. Filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles acusaram os sofistas de serem mercenários do saber, preocupados apenas em ensinar técnicas de convencimento, sem compromisso com a verdade ou com o bem. Platão, em especial, os retrata em seus diálogos como mestres da ilusão, capazes de fazer o falso parecer verdadeiro através de jogos retóricos (Barnes, 2009).

Apesar das críticas, é inegável que os sofistas desempenharam um papel fundamental na história da filosofia ocidental. Eles foram responsáveis por trazer à tona temas centrais como o relativismo, a natureza da linguagem, a construção dos valores e a relação entre poder e saber. A partir do embate entre sofistas e Sócrates, surgirá, posteriormente, a filosofia como busca rigorosa pela verdade e pela essência das coisas, tal como será desenvolvida por Platão e Aristóteles (Aubenque, s.n.d.).

3.1.1 – A Filosofia Relativista de Protágoras

Protágoras de Abdera é uma figura emblemática entre os sofistas, sendo frequentemente reconhecido como o precursor do relativismo filosófico. Sua máxima mais conhecida, “O homem é a medida de todas as coisas”, sintetiza a ideia de que a verdade não é universal, mas depende da percepção individual. Isso implica que aquilo que é verdadeiro para uma pessoa pode ser falso para outra, dependendo de suas experiências, cultura e contexto (Barnes, 2009).

Essa perspectiva relativista rompe com a tradição filosófica que buscava verdades absolutas e universais, principalmente no âmbito da natureza. Protágoras volta seu olhar para o ser humano e para a experiência subjetiva, colocando o indivíduo como centro da compreensão do mundo. Essa virada antropocêntrica representa uma inovação decisiva no pensamento grego (Chauí, 2000).

O relativismo de Protágoras também questiona a possibilidade de um conhecimento objetivo, já que cada sujeito percebe a realidade de maneira distinta. Isso gera uma postura cética diante das pretensões absolutistas da ciência e da filosofia natural, pois a experiência e o juízo humanos são reconhecidos como inherentemente limitados e condicionados (Aubenque, s.n.d.).

Na prática, essa concepção influenciou a retórica e a política da Atenas democrática, pois valorizava a capacidade do indivíduo de construir argumentos eficazes a partir de sua própria visão e circunstância. A habilidade de persuadir em assembleias e tribunais, portanto, tornou-se mais importante do que a busca por uma verdade absoluta e imutável (Barnes, 2009).

Protágoras via a linguagem e o discurso como instrumentos centrais para a construção da realidade social. Através da argumentação, os cidadãos moldavam as normas, as leis e os valores, reforçando a ideia de que estes são contingentes e flexíveis, não dados de forma fixa pela natureza ou pelos deuses (Chauí, 2000).

Essa visão relativista, contudo, não significa que tudo seja permitido ou que qualquer opinião valha da mesma forma. Para Protágoras, a eficácia da persuasão e a construção de consensos são essenciais para a convivência social e a justiça, indicando uma ética pragmática embasada na negociação entre perspectivas diversas (Aubenque, s.n.d.).

A ideia de que os valores morais e as normas sociais são construções humanas foi revolucionária, pois deslocou a origem da ética dos domínios divinos para o espaço da cultura e da convivência social. Isso possibilitou uma reflexão crítica sobre as instituições e os costumes vigentes, abrindo caminho para o pensamento crítico e a democracia (Chauí, 2000).

Por outro lado, essa relatividade também gerou críticas severas, principalmente de Sócrates, Platão e Aristóteles. Eles viam no relativismo uma ameaça à busca pela verdade e ao fundamento objetivo da moral, acusando os sofistas de promoverem um tipo de discurso vazio e manipulador, voltado apenas para a vitória retórica (Barnes, 2009).

Apesar dessas críticas, a relevância histórica do relativismo sofista é inegável, pois antecipou debates modernos sobre subjetividade, pluralismo e tolerância. A noção de que a verdade pode variar conforme a perspectiva do sujeito ressoa em campos contemporâneos como a filosofia da linguagem, a epistemologia e a ética (Aubenque, s.n.d.).

Além disso, a filosofia de Protágoras instiga reflexões profundas sobre o papel do diálogo e da argumentação na construção do conhecimento, enfatizando a

importância do contexto e da comunicação no entendimento humano. Isso faz dos sofistas precursores de uma visão dinâmica e social do saber (Chauí, 2000).

Em síntese, a filosofia relativista de Protágoras representa uma etapa fundamental na história do pensamento, marcando a transição entre as preocupações cosmológicas dos primeiros filósofos e o enfoque antropológico e ético dos sofistas, que, por sua vez, abriram espaço para a filosofia clássica e para a modernidade.

3.1.2 – Críticas Socráticas e Platônicas aos Sofistas

A crítica mais marcante aos sofistas veio de Sócrates, que, embora convivesse no mesmo contexto cultural e político da Atenas do século V a.C., posicionou-se firmemente contra o relativismo e a retórica vazia que os sofistas praticavam. Sócrates buscava uma filosofia que não apenas ensinasse técnicas de persuasão, mas que promovesse o conhecimento verdadeiro e a busca pela virtude (Chauí, 2000).

Para Sócrates, o principal problema dos sofistas era a ausência de preocupação com a verdade objetiva e a ética. Ele via neles uma tendência a ensinar argumentos persuasivos independentemente do conteúdo, tornando o discurso uma arma para vencer debates, e não um instrumento para alcançar o saber genuíno (Barnes, 2009). Essa crítica foi expressa principalmente nos diálogos de Platão, onde Sócrates aparece refutando os sofistas e destacando a importância do exame crítico das ideias.

Platão, discípulo de Sócrates, também foi um dos maiores críticos dos sofistas, chegando a desqualificá-los como meros "fazedores de opinião" (dóxai poiêtai). Em sua obra “Górgias”, Platão apresenta um debate em que questiona a validade da retórica dos sofistas, mostrando que a persuasão sem conhecimento e justiça é prejudicial à alma e à sociedade (Platão, Górgias, 462a-466a).

Além disso, Platão acusa os sofistas de relativismo moral, defendendo que suas posições corroem a base da ética ao sugerirem que tudo pode ser justificado pela opinião ou conveniência. Para Platão, a verdade transcende as opiniões individuais e depende da contemplação das ideias eternas e imutáveis, como a ideia do Bem, que é o fundamento último da realidade (Chauí, 2000).

Outro ponto importante da crítica socrático-platônica é a defesa do conhecimento objetivo, que pode ser alcançado através da dialética, o método socrático de questionamento. Sócrates acreditava que o diálogo filosófico, com perguntas e respostas rigorosas, poderia levar à descoberta das essências e virtudes, o que contrasta com o ensino sofista, que muitas vezes se limitava a ensinar a arte da persuasão (Barnes, 2009).

Essa oposição também se reflete na forma como os sofistas e Sócrates encaravam a educação. Enquanto os sofistas eram professores profissionais e cobravam por seus ensinamentos, Sócrates dedicava-se a uma missão filosófica, frequentemente gratuita, questionando seus interlocutores para provocar o autoconhecimento e a transformação moral (Chauí, 2000).

No diálogo “Protágoras”, Platão demonstra que Sócrates desafia a ideia de que a virtude pode ser ensinada como uma habilidade retórica, contrapondo-se à visão sofista de que a retórica é um meio eficiente para alcançar o sucesso na vida pública (Platão, Protágoras, 320d-330e). Para Platão, a virtude é um conhecimento verdadeiro ligado à alma, e não um conjunto de técnicas para manipular opiniões.

Além da crítica ética e epistemológica, os filósofos clássicos também contestavam o relativismo cultural e moral dos sofistas. A ideia de que a verdade e os valores são meramente convencionais ameaçava a noção de justiça e ordem na pólis, aspectos fundamentais para a estabilidade social, segundo Sócrates e Platão (Chauí, 2000).

A crítica platônica se estende ainda ao uso da linguagem. Platão apontava que a retórica sofista frequentemente produzia discursos artificiais, capazes de encantar os ouvintes, mas desprovidos de substância verdadeira. Essa preocupação com a clareza e a busca da essência do discurso caracteriza o ideal filosófico platônico, contrário à técnica superficial dos sofistas (Barnes, 2009).

Contudo, é importante reconhecer que a oposição entre sofistas e socráticos não foi absoluta. Ambos contribuíram para o desenvolvimento da filosofia, sobretudo ao estimular debates sobre linguagem, ética, conhecimento e poder. A crítica socrática não eliminou as questões levantadas pelos sofistas, mas as aprofundou, estabelecendo o alicerce para a filosofia ocidental (Aubenque, s.n.d.).

Por fim, o legado dessa disputa permanece até hoje, pois muitos dos dilemas levantados pelos sofistas sobre relativismo, poder da linguagem e construção social dos valores continuam a ser objeto de reflexão na filosofia contemporânea, mostrando a importância histórica e conceitual do embate entre sofistas e socráticos.

Você sabia?

Platão criticava a retórica dos sofistas por ser muitas vezes um jogo de palavras vazio, que encantava mas não buscava a verdade real. Para ele, o ideal filosófico era um discurso claro, profundo e verdadeiro – não apenas persuasivo.

3.2 – Sócrates e o Nascimento da Ética Filosófica O Método Socrático (Maiêutica e Ironia)

Sócrates (469-399 a.C.) é considerado uma das figuras mais emblemáticas da história da filosofia. Sua contribuição foi tão significativa que marcou uma verdadeira mudança de paradigma no pensamento grego: ele deslocou o foco da filosofia, que até então se concentrava majoritariamente no estudo da natureza (*a physis*), para a reflexão sobre o ser humano, seus valores, sua conduta e a busca pela virtude (Barnes, 2009). Essa mudança foi essencial para o desenvolvimento da ética e da filosofia moral no ocidente.

Diferentemente dos sofistas, que cobravam pelos seus ensinamentos e eram mestres da retórica, Sócrates acreditava que o verdadeiro conhecimento não poderia ser comercializado. Para ele, o saber deveria ser um compromisso com a verdade e com o aperfeiçoamento da alma. Sua famosa frase “Só sei que nada sei” não era um gesto de falsa modéstia, mas a expressão de uma atitude filosófica que reconhece os próprios limites e entende que a consciência da ignorância é o primeiro passo para o verdadeiro saber (Aubenque, s.n.d.).

O método socrático se baseia essencialmente em dois pilares: a ironia e a maiêutica. A ironia socrática não deve ser confundida com o sarcasmo moderno. Trata-se de um recurso dialético no qual Sócrates se apresenta como ignorante, fingindo não saber nada, para que seus interlocutores se sintam à vontade para expor suas opiniões. Ao fazer isso, Sócrates induz os outros a refletirem sobre suas

próprias ideias, muitas vezes revelando contradições e inconsistências em seus pensamentos (Chauí, 2000).

Uma vez que essas contradições são expostas, entra em cena a maiêutica, que significa literalmente “arte de partejar”. Sócrates dizia que, assim como sua mãe era parteira de crianças, ele era parteiro de almas, ajudando as pessoas a “darem à luz” ao conhecimento que já carregavam dentro de si. Por meio de perguntas cuidadosamente formuladas, ele levava seus interlocutores a descobrirem, por si mesmos, respostas mais consistentes, aprofundando sua compreensão (Aubenque, s.n.d.).

O objetivo da maiêutica não era fornecer respostas prontas, mas estimular o desenvolvimento do pensamento crítico e do autoconhecimento. Para Sócrates, o verdadeiro conhecimento não poderia ser transferido de um para outro como algo externo; ele deveria emergir de dentro, através da reflexão e do diálogo. Esse processo tornava o aprendizado mais duradouro e autêntico, pois envolvia uma transformação interior (Barnes, 2009).

A máxima “Conhece-te a ti mesmo”, inscrita no Templo de Apolo em Delfos, tornou-se um lema central da filosofia socrática. Para Sócrates, o autoconhecimento era a base de toda vida virtuosa. Somente ao compreender a si mesmo — suas paixões, seus limites, seus desejos e sua razão — o ser humano poderia viver de forma ética, justa e equilibrada. Esse conhecimento de si não era apenas introspectivo, mas também prático, pois estava diretamente ligado à conduta no mundo (Chauí, 2000).

Dentro dessa perspectiva, Sócrates também rejeitava o relativismo dos sofistas. Ele acreditava que existiam valores universais, como justiça, coragem, temperança e piedade, que não dependiam das convenções culturais ou das opiniões individuais. Segundo ele, a virtude está diretamente ligada ao conhecimento: aquele que conhece o bem não pode agir mal, pois o mal é fruto da ignorância. Essa ideia se sintetiza na afirmação socrática de que “ninguém erra voluntariamente” (Aubenque, s.n.d.).

Você sabia?

Sócrates rejeitava a ideia de que a verdade fosse relativa, como defendiam os sofistas. Para ele, **existem valores universais** – como justiça, coragem e temperança – que não mudam conforme as opiniões ou culturas.

Além disso, Sócrates acreditava que a **virtude está ligada ao conhecimento**: quem realmente sabe o que é o bem não pode agir mal, pois o mal surge da ignorância. Por isso, ele dizia que "**ninguém erra voluntariamente**".

Outro aspecto central do método socrático é o problema da essência. Sócrates não se contentava com definições superficiais ou exemplos isolados. Ao perguntar, por exemplo, "O que é a justiça?", ele não aceitava respostas como "justiça é devolver o que se tomou emprestado" ou "é ajudar os amigos e prejudicar os inimigos". Para ele, essas são manifestações da justiça, mas não sua essência. Ele buscava uma definição universal, válida em qualquer tempo e lugar, que capturasse a verdadeira natureza do conceito (Barnes, 2009).

Esse procedimento rigoroso de análise conceitual foi um dos maiores legados de Sócrates para a tradição filosófica. A partir dele, a filosofia passou a ser entendida como uma busca sistemática pela definição clara dos conceitos que estruturam a nossa vida moral, social e política. Essa herança seria desenvolvida por seus discípulos, especialmente Platão, que transformaria as inquietações socráticas em um sistema filosófico mais estruturado (Chauí, 2000).

Por fim, o método socrático não se limitava a ser uma técnica argumentativa. Ele tinha um propósito existencial: ajudar as pessoas a viverem de forma mais consciente, ética e alinhada com a busca pela verdade. Nesse sentido, Sócrates não se via como um mestre no sentido tradicional, mas como um parceiro de diálogo, alguém que caminhava junto na busca pelo conhecimento.

Sua vida, sua prática e até sua morte — ao preferir aceitar a sentença de morte em vez de renunciar à sua missão filosófica — são testemunhos vivos de seu compromisso inabalável com a verdade e a filosofia (Aubenque, s.n.d.).

3.2.1 – A Maiêutica Socrática: A Arte de Partilhar o Conhecimento

O método socrático, em sua essência, está profundamente ligado à maiêutica, termo que deriva do grego e significa literalmente “a arte de partejar”. Sócrates utilizava essa metáfora para expressar sua função enquanto filósofo: assim como sua mãe era parteira que ajudava a trazer crianças ao mundo, ele se via como um ‘parteiro de almas’, auxiliando seus interlocutores a darem à luz o conhecimento que já residia dentro deles (Aubenque, s.n.d.).

Diferentemente de um mestre tradicional que transmite saberes prontos, a maiêutica socrática valoriza o despertar do pensamento autônomo. Por meio de perguntas cuidadosamente elaboradas, Sócrates estimulava o interlocutor a examinar suas próprias ideias, evidenciando contradições e lacunas que passavam despercebidas. Esse processo, longe de ser um simples debate, era um verdadeiro convite à reflexão profunda e à autoanálise (Chauí, 2000).

A maiêutica, portanto, não fornecia respostas definitivas, mas promovia a descoberta gradual e pessoal da verdade. Essa técnica dialogal valorizava o conhecimento como algo interno e ativo, que precisava ser “dado à luz” pela própria pessoa, não imposto de fora para dentro. Tal abordagem conferia ao saber um caráter dinâmico e transformador, conectando conhecimento e mudança interior (Barnes, 2009).

Um dos efeitos fundamentais da maiêutica era o desenvolvimento do pensamento crítico, que permitia aos indivíduos avaliar suas próprias convicções e a robustez dos argumentos alheios. Sócrates, ao questionar as certezas estabelecidas, ensinava que reconhecer a ignorância é o primeiro passo para a sabedoria — ideia central expressa em sua máxima “Só sei que nada sei” (Aubenque, s.n.d.).

Além disso, a maiêutica tinha uma dimensão ética, pois o conhecimento que emerge desse processo não era um conhecimento neutro, mas orientado para a virtude e para o bem viver. Sócrates defendia que o verdadeiro saber conduzia necessariamente a uma vida justa e equilibrada, visto que o erro e o mal derivam da ignorância (Chauí, 2000).

No exercício da maiêutica, a ironia socrática complementava o processo. Ao fingir ignorância, Sócrates criava um ambiente de diálogo aberto e colaborativo,

onde seus interlocutores se sentiam encorajados a expor suas ideias livremente. Essa postura, aparentemente humilde, tinha a função estratégica de desarmar possíveis resistências e levar a um exame mais honesto e rigoroso das próprias opiniões (Barnes, 2009).

Diferentemente da retórica sofista, que buscava persuadir independentemente da verdade, a maiêutica socrática era um método comprometido com a clareza e a coerência conceitual. Sócrates não aceitava definições superficiais ou respostas prontas; sua missão era chegar à essência das coisas, como no exemplo clássico da pergunta “O que é a justiça?”, onde buscava uma definição universal e estável para o conceito (Aubenque, s.n.d.).

Esse rigor conceitual permitiu a Sócrates inaugurar a tradição da análise filosófica que perdura até hoje, fundamentada na busca pelo sentido preciso dos termos que orientam nossa vida moral e social. Tal contribuição marcou uma profunda transformação na filosofia, ampliando seu alcance para além da mera especulação sobre a natureza (Chauí, 2000).

A maiêutica também refletia a concepção socrática do saber como algo que modifica o ser humano integralmente, envolvendo tanto a razão quanto a alma. A filosofia, portanto, era vista como uma prática de vida, e não apenas como um exercício intelectual, direcionada para o autoconhecimento e a construção de uma existência virtuosa (Barnes, 2009).

É importante destacar que a maiêutica não funcionava isoladamente, mas integrada a um diálogo ético e respeitoso. O parceiro do diálogo não era apenas um objeto de interrogação, mas um participante ativo na busca conjunta pela verdade, o que evidencia a dimensão comunitária e cooperativa do método socrático (Aubenque, s.n.d.).

Você sabia?

Sócrates revolucionou a filosofia ao focar no **significado preciso** das palavras que guiam nossa vida moral e social, indo muito além de simplesmente especular sobre a natureza.

Sua famosa técnica, a **maiêutica**, não era só um método intelectual, mas uma prática de vida que envolve **razão e alma**, buscando o autoconhecimento e a construção de uma existência virtuosa.

Por fim, a maiêutica socrática não se limita a um procedimento histórico, mas permanece como um modelo pedagógico e filosófico influente, capaz de inspirar práticas educativas que valorizam o questionamento, o pensamento crítico e o autoconhecimento como caminhos para a verdadeira aprendizagem (Chauí, 2000).

Assim, o método socrático, através da maiêutica, estabelece uma ponte entre o conhecimento e a transformação pessoal, reforçando a ideia de que a filosofia não é um saber meramente teórico, mas uma vivência ética que perpassa toda a existência humana.

3.3 – Platão e a Teoria das Ideias

O mundo sensível e o mundo das ideias

Platão (427-347 a.C.) foi discípulo de Sócrates e responsável pela consolidação da filosofia como sistema completo, especialmente por meio de sua teoria das ideias ou formas. Para Platão, o mundo que percebemos pelos sentidos é apenas uma cópia imperfeita e transitória de uma realidade superior e eterna, que ele chama de mundo das ideias (Barnes, 2009).

As ideias, segundo Platão, são arquétipos perfeitos, imutáveis e universais, que existem independentemente dos objetos sensíveis. Por exemplo, todas as mesas do mundo participam da ideia de “mesa” que é perfeita e imutável. Assim, o verdadeiro ser não está nas coisas mutáveis, mas nas ideias que lhes dão forma e essência (Aubenque, s.n.d.).

A metafísica platônica: o ser e o real

Na metafísica platônica, o ser verdadeiro é o ser das ideias, que são mais reais do que os objetos sensíveis. Platão distingue o “ser” como aquilo que é eterno, imutável e inteligível, do “devenir”, o mundo sensível e mutável, que apenas participa do ser em grau inferior (Chauí, 2000).

Essa distinção levou Platão a conceber a realidade como hierarquizada: no topo, estão as ideias; abaixo delas, o mundo físico. O conhecimento verdadeiro, portanto, é o conhecimento das ideias, que é acessado pela razão, e não pelos sentidos (Barnes, 2009).

A alegoria da caverna

A famosa alegoria da caverna, presente no livro VII da República, ilustra a condição humana diante do conhecimento. Os prisioneiros dentro da caverna veem apenas sombras projetadas na parede, confundindo-as com a realidade. Somente o filósofo, que consegue sair da caverna e contemplar o mundo exterior — o mundo das ideias — pode alcançar a verdadeira compreensão (Aubenque, s.n.d.).

A alegoria simboliza o processo de educação e filosofia como libertação da ignorância e ascensão à luz da verdade. A resistência dos prisioneiros representa a dificuldade de abandonar as aparências e aceitar a realidade inteligível (Chauí, 2000).

A alma e a reminiscência

Para Platão, a alma é imortal e preexistente, tendo conhecimento das ideias antes de encarnar no corpo. O processo de aprendizagem, portanto, é uma “rememoração” (anamnese) — uma recuperação desse conhecimento esquecido pela alma (Barnes, 2009).

Essa visão valoriza a interioridade e a racionalidade da alma, que deve libertar-se das ilusões do corpo e do mundo sensível para alcançar o verdadeiro saber. Assim, a ética platônica está ligada à purificação da alma e à busca do bem, que é a ideia suprema (Aubenque, s.n.d.).

3.3.1 – A Dualidade Ontológica e o Conhecimento na Teoria das Ideias de Platão

A teoria das ideias de Platão estabelece uma distinção fundamental entre dois níveis de realidade: o mundo sensível e o mundo inteligível. O mundo sensível é aquele que percebemos pelos sentidos — composto por objetos mutáveis, imperfeitos e temporários. Já o mundo das ideias, também chamado de mundo das formas, é uma realidade superior, imutável, eterna e perfeita, que confere sentido e existência verdadeira às coisas que existem no mundo sensível (Barnes, 2009).

Para Platão, as ideias são arquétipos universais e eternos, que existem independentemente dos objetos particulares. Por exemplo, todas as mesas físicas são meras cópias imperfeitas da ideia perfeita de “mesa”, que é eterna e imutável. Essa participação dos objetos sensíveis nas ideias é o que lhes permite ser reconhecidos como aquilo que são, embora nunca alcancem a perfeição do modelo original (Aubenque, s.n.d.).

Essa distinção entre o mundo sensível e o mundo das ideias tem implicações ontológicas profundas. Platão sustenta que o ser verdadeiro pertence ao mundo das ideias, que é imutável e inteligível, enquanto o mundo sensível está submetido ao devir, à mudança constante e à imperfeição. Por isso, o conhecimento autêntico não pode ser alcançado através dos sentidos, que apenas nos apresentam imagens mutáveis, mas por meio da razão, que acessa o mundo das formas (Chauí, 2000).

Nesse sentido, a metafísica platônica configura uma hierarquia da realidade. No topo está o reino das ideias, que é eterno e perfeito; abaixo está o mundo físico, que depende das ideias para sua existência e é apenas uma sombra da realidade superior. Esse esquema torna o conhecimento das ideias o objetivo máximo da filosofia, uma busca pela essência das coisas além das aparências (Barnes, 2009).

A alegoria da caverna, contada no Livro VII da República, é uma das expressões mais claras dessa dualidade. Na alegoria, os prisioneiros que vivem acorrentados em uma caverna só veem sombras projetadas na parede, e acreditam que essas sombras são a realidade. O filósofo, que consegue sair da caverna e contemplar o sol, símbolo do bem e da verdade, alcança o conhecimento do mundo inteligível e comprehende a verdadeira realidade (Aubenque, s.n.d.).

Essa alegoria também simboliza o processo educativo e filosófico, entendido como uma libertação gradual da ignorância e das ilusões do mundo sensível. O caminho do filósofo é difícil, pois implica enfrentar a resistência daqueles que preferem as sombras confortáveis da ignorância, recusando-se a aceitar a verdade que transcende as aparências (Chauí, 2000).

Outro aspecto essencial da filosofia platônica é a concepção da alma como imortal e preexistente ao corpo. A alma já conhecia as ideias antes de sua encarnação, e o aprendizado consiste em recordar esse conhecimento prévio – um processo chamado de reminiscência ou anamnese. Assim, o ato de conhecer é uma

redescoberta do que a alma já sabia, oculto pela experiência sensível e pelo esquecimento (Barnes, 2009).

Você sabia?

Na famosa **Alegoria da Caverna**, Platão mostra como a maioria das pessoas vive presa a uma realidade ilusória, vendo apenas **sombra**s projetadas na parede e tomando-as como verdade. O filósofo, ao sair da caverna, enxerga o **sol**, símbolo do **bem e da verdade**, e assim conhece a realidade verdadeira, além das aparências.

Essa alegoria também representa a educação como um processo de **libertação da ignorância**, um caminho difícil porque nem todos querem abandonar as sombras confortáveis da ilusão.

Essa teoria da reminiscência valoriza a interioridade da alma e a racionalidade como meio para superar as limitações impostas pelo corpo e pelo mundo sensível. A verdadeira sabedoria é alcançada na medida em que a alma se purifica das ilusões e volta seu olhar para o mundo das ideias, onde reside o conhecimento perfeito e a essência das coisas (Aubenque, s.n.d.).

A ética platônica está diretamente ligada a essa ontologia do conhecimento. A busca pelo bem, que é a ideia suprema e fonte de toda realidade, implica a purificação da alma, o afastamento das paixões e das falsas crenças derivadas do mundo sensível, e o alinhamento da vida humana com os valores eternos e universais (Chauí, 2000).

Por fim, a teoria das ideias consolida uma visão do mundo na qual a realidade mais profunda e verdadeira está além daquilo que é perceptível aos sentidos, acessível somente pela razão e pelo exercício filosófico. Essa concepção influenciou toda a tradição filosófica ocidental, ao estabelecer um ideal de conhecimento que transcende o empírico e busca a essência imutável das coisas (Barnes, 2009).

3.4 – Aristóteles e a Ciência do Ser

Aristóteles, discípulo de Platão, representa um marco decisivo na história da filosofia ao desenvolver um sistema que buscava compreender a realidade de forma concreta e empírica, rompendo com a separação platônica entre o mundo sensível e

o mundo das ideias. Para ele, a essência das coisas — ou substância (ousia) — não existe separada dos objetos particulares, mas está intrinsecamente ligada a eles (Chauí, 2000).

Enquanto Platão privilegiava um mundo ideal e transcendente, Aristóteles propôs uma ontologia que parte da observação do mundo real, no qual a forma e a matéria coexistem e são inseparáveis. Assim, o estudo da metafísica torna-se uma investigação do ser enquanto ser, buscando as causas e princípios que explicam a existência concreta (Barnes, 2009).

Uma das contribuições mais significativas de Aristóteles para a metafísica e para a ciência foi sua teoria das quatro causas. Ele explicou que para entender o que algo é, é necessário identificar suas causas material, formal, eficiente e final. A causa material é aquilo de que uma coisa é feita; a causa formal é a sua forma ou essência; a causa eficiente é o agente que produz a mudança; e a causa final é o propósito ou o fim a que algo se destina (Chauí, 2000).

Por exemplo, a construção de uma casa envolve a madeira ou o tijolo (causa material), o projeto arquitetônico (causa formal), o pedreiro (causa eficiente) e a finalidade de servir como moradia (causa final). Essa explicação ampla permite compreender não apenas a existência, mas também o funcionamento e o sentido dos fenômenos.

Outro conceito fundamental da metafísica aristotélica é a distinção entre potência e ato. A potência representa a capacidade ou possibilidade que algo tem de se tornar ou fazer algo, enquanto o ato é a efetivação dessa capacidade. Essa distinção explica a dinâmica da mudança no mundo, conciliando o ser com o devir (Barnes, 2009).

Por exemplo, uma semente tem a potência de se tornar árvore, e a árvore representa o ato, a realização dessa possibilidade. Para Aristóteles, tudo no cosmos está em processo de atualização de suas potências, e esse processo é essencial para entender a natureza das coisas.

No centro da metafísica aristotélica está a noção do motor imóvel, um princípio último e eterno que move tudo sem ser movido. O motor imóvel é pura atualidade, sem potencialidade, e é a causa primeira que explica a existência e o movimento do universo (Aubenque, s.n.d.).

Aristóteles identifica esse motor imóvel com Deus, concebido não como um criador no sentido judaico-cristão, mas como a causa final última, a perfeição que atrai todos os seres para a realização plena do seu ser. Esse conceito influenciou profundamente a tradição filosófica posterior, especialmente na filosofia medieval.

Além disso, Aristóteles estabeleceu a metafísica como a “filosofia primeira”, pois ela investiga os princípios mais fundamentais e universais do ser, que estão na base de todas as ciências particulares. Essa posição confere à metafísica um papel central na organização do conhecimento (Chauí, 2000).

Assim, Aristóteles não apenas consolidou a metafísica como um campo autônomo e rigoroso, mas também propôs uma visão integrada do conhecimento, na qual a investigação da realidade concreta e das causas últimas caminha junto com a observação empírica e a reflexão racional.

3.4.1 – Substância, Potência e Ato: Fundamentos da Metafísica Aristotélica

No cerne da metafísica aristotélica está a noção de substância (*ousia*), que designa aquilo que é o ser fundamental e individual das coisas. Para Aristóteles, a substância não é uma realidade separada ou transcendente, como em Platão, mas está presente nos objetos concretos, constituída pela união inseparável entre forma e matéria. A matéria representa o substrato potencial, enquanto a forma é a essência que atualiza essa matéria, tornando o ente aquilo que ele é (Chauí, 2000).

Essa concepção ontológica articula-se com a distinção entre potência e ato, conceitos centrais para compreender a mudança e a existência no mundo. A potência é a capacidade ou possibilidade de algo vir a ser ou a fazer algo, enquanto o ato é a realização efetiva dessa capacidade. Essa relação dinâmica explica como o ser se manifesta no mundo em constante transformação, conciliando a permanência da essência com a mudança dos fenômenos (Barnes, 2009).

Por exemplo, a matéria de uma estátua — o bloco de mármore — possui a potência de assumir a forma artística desejada. A forma, quando atualizada, realiza essa potência, conferindo à estátua sua identidade concreta. Portanto, a substância é uma combinação inseparável de matéria e forma, que permite a existência particular e singular dos entes (Chauí, 2000).

Além disso, a metafísica aristotélica busca compreender as causas que explicam o ser e o existir das coisas. Nesse sentido, a teoria das quatro causas – material, formal, eficiente e final – oferece um modelo abrangente para investigar os múltiplos aspectos da realidade. A causa material responde pelo substrato físico, a formal pela essência, a eficiente pela origem da mudança, e a final pelo propósito ou fim da existência (Barnes, 2009).

Essa abordagem integrada permite a Aristóteles fundamentar uma ciência do ser enquanto ser, que não se limita à abstração, mas que parte da observação empírica para alcançar explicações causais profundas. A distinção entre potência e ato também se relaciona com essa visão: enquanto a potência aponta para o que algo pode vir a ser, o ato manifesta o ser efetivamente realizado.

Você sabia?

Para Aristóteles, toda coisa é uma combinação inseparável de **matéria** (como o bloco de mármore) e **forma** (a forma artística que a estátua assume). A matéria tem a **potência** de se tornar algo, e a forma é o **ato** que realiza essa potência, dando identidade concreta ao ente.

Por fim, essa estrutura conceitual sustenta o conceito do motor imóvel, a causa primeira que atualiza todas as potências no cosmos sem ser ela mesma atualizada. Essa realidade pura de ato, sem potencialidade, é a fonte última do movimento e da existência, identificada por Aristóteles como Deus, princípio eterno e perfeito que orienta a totalidade do ser (Aubenque, s.n.d.).

Assim, a metafísica aristotélica apresenta uma visão do mundo onde o ser é concreto, dinâmico e teleológico, fundamentado na realidade substancial dos entes e na busca racional pelas causas últimas que explicam a existência e o movimento universal.

3.5 – Epicuro e a Filosofia do Prazer Moderado

Epicuro (341-270 a.C.) foi um filósofo helenístico que fundou a escola do Epicurismo, propondo uma ética centrada na busca do prazer como princípio fundamental da vida boa. No entanto, sua concepção de prazer diferia

significativamente das ideias hedonistas comuns, pois defendia um prazer moderado, equilibrado e livre de perturbações, entendido como a ausência de dor (aponia) e de inquietação da mente (ataraxia) (O'Keefe, 2013).

Para Epicuro, o verdadeiro bem não está na satisfação desenfreada dos desejos, mas no cultivo de prazeres simples, naturais e necessários, que promovem a tranquilidade e a felicidade duradoura. Ele distinguiu desejos naturais e necessários, naturais e não necessários, e não naturais e não necessários, orientando a busca racional para evitar prazeres que causam sofrimento ou angústia posteriores (Sedley, 2003).

Sua filosofia também inclui uma visão materialista do universo, na qual tudo é composto por átomos em movimento no vazio, rejeitando crenças em punições pós-vida e desmistificando os medos religiosos. Essa visão libertadora da morte e dos deuses é fundamental para a ética epicurista, pois elimina as causas da ansiedade que impedem o prazer e a serenidade (Long, 1986).

Epicuro propôs que a sabedoria consiste em conhecer a natureza dos desejos, o funcionamento do mundo e a própria mortalidade, para assim cultivar uma vida guiada pela razão, pela amizade e pela moderação, alcançando a paz interior e o verdadeiro prazer. Sua ética influenciou profundamente o pensamento ocidental, oferecendo uma alternativa prática à busca filosófica da felicidade (Frede, 1993).

3.5.1 – O Conceito de Prazer e a Busca da Ataraxia

No epicurismo, o prazer (hêdonê) é entendido como o bem supremo e o objetivo principal da vida humana, mas com uma nuance essencial que o diferencia de uma busca hedonista desregrada. Epicuro concebe o prazer não como a mera satisfação de todos os desejos, mas como a ausência de dor corporal (aponia) e a tranquilidade da alma (ataraxia), estados que garantem uma vida equilibrada e feliz (O'Keefe, 2013).

A ataraxia, termo grego que significa “imperturbabilidade” ou “serenidade da mente”, é o ideal epicurista para alcançar a felicidade plena. Ela representa um estado de calma mental livre de medos, ansiedades e perturbações, especialmente aquelas causadas por crenças irrationais sobre deuses e a morte. Segundo Epicuro,

a eliminação desses medos é fundamental para que o indivíduo possa desfrutar de uma vida de prazer estável e duradoura (Sedley, 2003).

Epicuro distingue entre três tipos de desejos: naturais e necessários, naturais e não necessários, e não naturais e não necessários. O sábio deve aprender a satisfazer apenas os desejos naturais e necessários, como a fome, a sede e a busca por amizade, evitando aqueles que são desnecessários ou criados por convenções sociais, que podem gerar sofrimento e inquietação (Long, 1986).

Essa abordagem racional e seletiva dos desejos conduz a uma vida pautada na moderação, onde o prazer não é o excesso, mas a medida adequada que assegura a saúde do corpo e a paz da alma. Dessa forma, o epicurismo propõe uma ética prática, acessível e orientada para o bem-estar duradouro, cujo foco é a manutenção da ataraxia como fundamento da felicidade verdadeira (Frede, 1993).

CONCLUSÃO

Os sofistas foram intelectuais itinerantes da Grécia Antiga que se destacaram pelo ensino da retórica, ou seja, a arte da persuasão. Eles eram conhecidos por sua habilidade em argumentar e ensinar técnicas para vencer debates, independentemente da verdade objetiva. Esse foco na eficácia da comunicação abriu espaço para o questionamento dos valores morais e sociais tradicionais, aproximando-se de um relativismo filosófico.

O relativismo dos sofistas desafiava a ideia de uma verdade absoluta, defendendo que o que é certo ou errado depende do ponto de vista ou do contexto cultural. Esse pensamento provocou debates intensos sobre ética e política, pois colocava em dúvida normas consideradas universais. Por isso, os sofistas tiveram uma influência controversa no desenvolvimento da filosofia.

Sócrates, em contraposição aos sofistas, inaugurou a ética filosófica ao colocar a busca pela verdade e o autoconhecimento no centro da reflexão. Seu método dialético, conhecido como maiêutica, consistia em provocar o interlocutor a questionar suas próprias ideias, enquanto a ironia socrática ajudava a revelar contradições e ignorância. Esse processo visava alcançar um conhecimento mais profundo e genuíno.

O famoso princípio “Conhece-te a ti mesmo” resume a importância do conhecimento interior para Sócrates. Ele acreditava que a compreensão da própria essência e das virtudes humanas era o caminho para uma vida ética e justa. Para ele, o problema da essência envolve entender “o que é” em sua forma mais pura, afastando-se das opiniões superficiais.

Platão, discípulo de Sócrates, desenvolveu a Teoria das Ideias como forma de explicar a realidade. Segundo ele, o mundo sensível, percebido pelos sentidos, é apenas uma cópia imperfeita do mundo das ideias, que é eterno, imutável e verdadeiro. Essa distinção entre o mundo físico e o mundo ideal fundamenta sua metafísica e sua visão do ser.

A alegoria da caverna, uma das passagens mais famosas da obra de Platão, ilustra o processo de despertar para o conhecimento verdadeiro. Os prisioneiros, que veem apenas sombras na parede, simbolizam a ignorância humana, enquanto a saída da caverna representa o acesso ao mundo das ideias e à luz da razão. Para Platão, a alma é imortal e tem a capacidade de recordar (reminiscência) o conhecimento que possui do mundo das ideias.

Aristóteles, por sua vez, criticou a separação platônica entre o mundo sensível e o mundo das ideias. Ele propôs uma abordagem mais concreta, centrada na observação e na experiência. Para Aristóteles, a realidade é composta por substâncias individuais que combinam forma e matéria, e seu objetivo era investigar a essência dessas substâncias.

Um dos maiores legados de Aristóteles são as quatro causas, que explicam o porquê das coisas: a causa material (do que algo é feito), a formal (a forma ou essência), a eficiente (o agente que provoca a mudança) e a final (a finalidade ou propósito). Essa explicação amplia a compreensão do ser e do movimento no mundo.

Além disso, Aristóteles desenvolveu a teoria da potência e ato para explicar a passagem do potencial para a realidade efetiva. A potência representa a capacidade de ser algo, enquanto o ato é a realização dessa capacidade. Esse conceito é fundamental para sua metafísica e para a explicação do movimento e da mudança.

O conceito do motor imóvel é outra contribuição aristotélica central. Ele representa a causa primeira do movimento no universo, um ser perfeito e imutável

que não é movido por nada, mas que é a origem de todo movimento. Esse conceito liga sua metafísica à teologia e à busca pelo princípio absoluto.

A metafísica para Aristóteles é considerada a “filosofia primeira”, pois investiga os fundamentos do ser e da realidade que estão além da física e da ciência empírica. Sua abordagem sistemática e detalhada consolidou a filosofia como uma disciplina rigorosa, capaz de analisar tanto o mundo sensível quanto os princípios universais.

Assim, a Unidade 3 mostra como Sócrates, os sofistas, Platão e Aristóteles foram decisivos para a consolidação da filosofia, cada um contribuindo com métodos, temas e teorias que estabeleceram as bases para o pensamento ocidental em ética, metafísica e ciência.



**Av. Barão de Gurguéia, 3333B - Vermelha
Teresina - Piauí**

[f](#) [/maltafaculdade](#)

www.faculdademalta.edu.br